

MAYARA FERREIRA MARTINS - RA 30831

**VOZES NEGRAS: RESSIGNIFICANDO O PASSADO PARA  
APRENDER SOBRE O PRESENTE E MELHORAR O FUTURO**

CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPO LIMPO PAULISTA

2º. SEM. 2023

MAYARA FERREIRA MARTINS - RA 30831

**VOZES NEGRAS: RESSIGNIFICANDO O PASSADO PARA  
APRENDER SOBRE O PRESENTE E MELHORAR O FUTURO**

Relatório de fundamentação do projeto experimental, modalidade website, apresentado como exigência final para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, sob orientação específica do professor mestre Felipe dos Santos Schadt e coorientação metodológica da professora mestra Ane Katerine Medina Néri.

CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPO LIMPO PAULISTA

2º. SEM. 2023

MAYARA FERREIRA MARTINS - RA 30831

**VOZES NEGRAS: RESSIGNIFICANDO O PASSADO PARA  
APRENDER SOBRE O PRESENTE E MELHORAR O FUTURO**

Campo Limpo Paulista, 29 de novembro de 2023

---

Fotógrafa e bacharel em Relações Internacionais, com pós em Filosofia,  
Semiótica e Comunicação Mariana Janeiro

---

Prof. Duílio Fabri Jr

---

Prof. Mestre Felipe dos Santos Schadt

# DEDICATÓRIA

A todos os negros (as) que assim como eu estão na busca de si mesmo e de sua história e ancestralidade, e a todos (as) que lutam para que a comunidade deixe de ser apenas resistência.



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a mim mesma, por não ter desistido por nenhum momento desse projeto e da importância da luta negra.

Aos meus pais, Selma Aparecida Ferreira e Dionizio da Costa Martins, por me apoiarem em todo caminho aqui. A todas as mulheres presentes na minha vida, principalmente as que me apoiaram a me descobrir e ressignificar minha própria identidade, as que não são negras, mas são minhas referências feministas e profissionais, que me ajudam a todo momento e sabem do valor que tem em minha vida.

A minha mais que especial amiga, Mariana Togni. A você, só consigo ser grata por ter me ouvido com tanto carinho e atenção, por ter me acolhido nos dias em que eu estava cansada e querendo desistir, por torcer e sempre comemorar comigo em todas as etapas desse caminho e deste trabalho.

Ao meu professor mestre orientador específico, Felipe dos Santos Schadt, que me apoiou no tema. À Mariana Janeiro que foi essencial nessa minha descoberta pessoal. À Ane Katerine Medina Néri, orientadora metodológica que, como jornalista, me ensinou o distanciamento ao escrever um texto e enfatizou a importância de todo meu tema e da pesquisa que eu deveria realizar.

Aos professores da banca, pela leitura e análise cuidadosa. E por fim a todos os negros e negras que lutam todos os dias para que hoje eu tenha esse espaço e essa oportunidade. Em um futuro próximo não seremos mais resistência, mas sim existência em harmonia com o restante da sociedade.

“É pretos no topo e não  
pretos no chão” (Dom Quixote –  
Djonga 2022)

## RESUMO

“Vozes Negras: ressignificando o passado para aprender sobre o presente e melhorar o futuro” é um website que traz um pouco dos locais históricos que compõem a cultura negra da região de Jundiaí, em 2023. Contando com relatos de 3 pessoas, onde duas fazem parte de um projeto que tem como objeto contar e disseminar a história do negro em Jundiaí para que nunca se esqueça, além daquele que conta a influência cultural nesses 30 anos e como o espaço alcançado atualmente pelos negros é importante. O produto em questão tem 12 páginas principais que levam a outras que trazem detalhes de toda a procura pela cultura e inserção dos negros no interior de São Paulo desde o século XVIII até 2023.

**Palavras-Chave:** Cultura; negros; Escravidão; Miscigenação; Colonização; Jundiaí; Coletivos culturais; Website; Embranquecimento; Cultura negra;

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Gastos com o Projeto Experimental.....	42
--	----

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	15
1.1 Quem era escravizado em Jundiáhy.....	15
1.1.1 A população de Jundiáí .....	17
1.2 As pessoas negras.....	19
1.3 A Chegada dos negros e o início da mistura racial no Brasil .....	20
1.3 Voltando a mestiçagem .....	26
1.4 Vozes Negras no formato de WEBSITE.....	27
<b>CAPÍTULO 2 – ESQUEMA DE INVESTIGAÇÃO</b> .....	30
2.1 Procedimentos metodológicos .....	30
2.1.1 Levantamento bibliográfico .....	31
2.1.1.1 Levantamento da história da cidade com os negros e indígenas escravizados .....	31
2.1.1.2 Levantamento da população da cidade separada por raças..	32
2.1.1.3 Pesquisa sobre o que é ser negro .....	33
2.1.1.4 Leitura e pesquisa sobre a mestiçagem.....	33
2.1.1.5 Comunidade negra de Jundiáí e as entrevistas feitas .....	34
<b>CAPÍTULO 3 - DESCRIÇÃO DO PRODUTO</b> .....	38
3.1 Características básicas .....	38

3.2 DIAGRAMAÇÃO/ EDIÇÃO .....	40
3.3 Linguagem empregada .....	41
3.4 Público-alvo .....	42
3.5 Divulgação.....	42
3.6 Orçamento.....	43
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>46</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIROS DE ENTREVISTAS.....</b>	<b>50</b>
<b>DECUPAGEM DAS ENTREVISTAS GRAVADAS .....</b>	<b>53</b>
<b>APÊNDICE B – MODELO DO TERMO DE RESPONSABILIDADE .....</b>	<b>55</b>
<b>APÊNDICE C – CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS .....</b>	<b>56</b>
<b>APÊNDICE D – MÍDIAS PRINCIPAIS VISUAIS DO WEBSITE .....</b>	<b>60</b>
<b>APÊNDICE E – WEBSITE EM PDF .....</b>	<b>63</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este relatório vai apresentar a história do povo negro no município de Jundiaí, interior de São Paulo, mais especificamente a cultura deste povo que foi escravizado na cidade. O projeto vai falar sobre os aspectos da cultura negra em um período de 30 anos, contendo relatos de pessoas que viveram essa época, trazendo também um dos projetos públicos mais importantes para a comunidade negra do município, o Rota Afro, que além de ser cultural também é um projeto educacional aberto para toda a comunidade da região. Este projeto mostra então essa riqueza cultural e histórica negra em Jundiaí.

O tema foi escolhido após a pesquisadora observar a população de Jundiaí, que tem um marco histórico de grande importância para o crescimento de São Paulo, a distância do município até a capital é de 47,47 km e guarda junto de si a grande influência da cultura branca europeia no esquecimento dos escravos que habitaram o território. Este projeto tem como principal objetivo falar e mostrar a cultura negra em Jundiaí no ano de 2023, discutir sobre o apagamento da história do povo negro que foi escravizado na cidade e tem grande importância no crescimento e desenvolvimento. De onde eles vieram, para quais funções foram designados e o que ocorreu após a abolição que veio à tona em 1888 no Brasil e até o fim deste projeto não foi possível encontrar o dia exato em que Jundiaí designou que estava proibido realizar o ato de escravizar, até novembro de 2023 , são as questões abordadas que levaram a acreditar que existe o apagamento da existência dessas pessoas no interior de São Paulo.

Jundiaí é muito conhecida pela grande produção de uva e café, tudo isso derivado da vinda das famílias italianas e portuguesas que até hoje são grande maioria e vistas como principais representantes da história do crescimento da cidade. Contudo é muito importante ressaltar que a mão de obra escrava foi muito utilizada neste

período de crescimento, durante todo esse desenvolvimento ocorreu o esquecimento dessas pessoas forçadas a trabalhar em vários momentos da história da formação do município. Foram cometidos crimes para ter pessoas trabalhando de maneira forçada e em meio a tudo isso os negros foram sendo dizimados culturalmente dentro da sociedade. Conforme o tempo foi passando é possível ver que a cidade cresceu na cultura branca europeia e poucos grupos de força e cultura negra restaram.

Este assunto foi escolhido pelo seu factual que entra em discussão por várias questões, além da relação pessoal que o Brasil tem quando o assunto é o seu crescimento como nação. Um país no qual a escravidão foi primordial para crescer entra em discussão todas as vezes que se fala sobre a história negra. Os fatores que trazem o racismo para o dia a dia reforçam a discussão do papel dos negros dentro da sociedade brasileira, por esta razão o projeto traz um pouco dessa comunidade que até novembro de 2023 se encontra dividida e sem saber onde se encontrar devido ao trabalho de apagamento da história.

Falar sobre a comunidade negra é importante para o meio jornalístico por diversas razões, as principais são a representatividade, onde ao ver uma pessoa negra falando sobre a sua realidade ou uma problemática como a dessa pesquisa, toda a comunidade negra consegue se ver nela. A inclusão desses olhares pela visão das pessoas negras enriquece o debate público e contribui para uma cobertura mais abrangente e precisa dos assuntos.

Também ajuda no combate do preconceito, que é uma pré opinião sobre algo que não se tem conhecimento, sua primeira relação com alguém ou alguma coisa e a discriminação que é um ato de exclusão ou tratar de maneira injusta um grupo ou uma pessoa com base no seu preconceito já definido, além de entender o papel do tema dentro da sociedade. A mídia desempenha um papel fundamental na luta contra o preconceito racial e a discriminação. Ao utilizar e destacar as histórias, desafios e conquistas da comunidade negra, é possível ajudar a combater estereótipos negativos e ressignificar aspectos culturais que antes eram excluídos perante a sociedade.



Além disso, a visibilidade de assuntos importantes para como, Jundiaí ser uma cidade referência em muitos aspectos, principalmente o da educação infantil e não ensinar sobre essa parte da história, ou como o município conseguiu chegar a ser referência na produção de uva, café e entre outros produtos da agricultura que tornaram a cidade um ponto turístico ou de onde encontrar a comunidade negra também entram como argumento importante que reforça o porquê deste tema estar em pauta diariamente. Essa apuração permite que questões importantes sejam trazidas à tona. Isso inclui temas como racismo estrutural, desigualdades sociais, violência policial, representação nos espaços de poder, entre outros diversos assuntos.

A leitura de todos os artigos trouxe a necessidade de encontrar figuras que representassem atualmente ou que reforcem o tema escolhido pela pesquisadora. Por esta razão este relatório traz uma pequena descrição de quem são essas pessoas e porque elas são importantes para essa representação.

Registros sobre a vinda e permanência dos povos africanos no Brasil são difíceis de encontrar ou simplesmente não existem mais, contudo através de leituras e pesquisas de artigos que falam deste tema com diversos focos, é possível encontrar algumas informações que contam um pouco sobre o que aconteceu com este povo enquanto esteve no Brasil. Para o projeto foi escolhido falar de Jundiaí que na época compunha o que hoje conhecemos com Várzea Paulista e Campo Limpo Paulista, Jundiaí foi um marco importante para o desenvolvimento do estado de São Paulo, um polo de café e da ferrovia que hoje é conhecido como a principal produtora de uva, mas o que ninguém fala é que ela foi uma das principais cidades que utilizou da escravidão do século XVIII até meados do século XX utilizando os negros como operários terceirizados em condições que hoje as leis trabalhistas não aceitariam.

Com isso este relatório vai ser composto por 3 capítulos, cada qual com sua função específica para que ajude a entender como o produto final foi realizado. O primeiro capítulo deste relatório mostra tudo que a aluna pesquisadora encontrou de informação e conteúdo sobre o tema abordado. Já o segundo capítulo mostra os

métodos de pesquisa e as principais fontes utilizadas para reforçar e dar credibilidade a suas falas. O terceiro e último traz detalhes sobre o produto escolhido para contar a história deste tema, além de informações sobre o meio escolhido e a trajetória utilizada.

# **CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Este primeiro capítulo, mais informações sobre o tema escolhido para a pesquisa, são apresentados, para que seja entendido quem foram as pessoas escravizadas e por quais motivos isso ocorreu no interior de São Paulo, os nomes utilizados para identificar essas pessoas, de onde vieram e qual era a realidade no interior brasileiro da época. Além disso, a pesquisa mostra como as pessoas se identificam como negras e a prática de apagamento e embranquecimento de população e cultura daquela época. Números que vão mostrar um pouco da visão populacional negra do interior de São Paulo, cenário da cultura negra em Jundiáí no ano de 2023, locais onde essa cultura se mantém viva, e também o porquê de ter escolhido o website como formato e quais os fundamentos para sua realização.

## **1.1 Quem era escravizado em Jundiáhy**

O crescimento de Jundiáí foi marcado pelo grande polo de escravidão entre os séculos XVII, XVIII e XIX. A mão de obra de negros foi muito presente nesses períodos e apagada logo que se foi percebido o aumento de operários na cidade e uma nova classe social foi sendo criada, esses operários eram principalmente os italianos, que hoje são os mais aclamados pelas conquistas de crescimento da cidade. A problemática desse evento de esquecimento é o que aumenta a presença da cultura branca no município e o esquecimento de quem é ou não negro.

Embora tenha ocorrido esse esquecimento, existem documentos primários e manuscritos que guardam os registros dessas pessoas e provam sua existência e colaboração na cidade. “Livro de óbitos” e “Livros de Casamentos” encontrados no museu histórico Solar do Barão de Jundiáí controlavam e registravam a movimentação e crescimento do povo indígena e negro.

Segundo a pesquisa de Morales e Moi (2008) é importante citar que a mão de obra escrava de índios era proibida no Brasil desde o século XVIII, pela coroa portuguesa. Mesmo tendo sido expulsos de suas terras os índios eram protegidos pelos religiosos cristãos, sendo assim não poderiam ser escravizados. Sua mão de obra só deveria ser utilizada de maneira escrava quando ocorresse relutância e violência da parte dos índios. Sem indícios disso, seu trabalho deveria ser recompensado com pagamento, tendo suas aldeias e terras respeitadas. Contudo, os colonos encontraram uma maneira de burlar essa medida aceita por lei pela Coroa portuguesa.

Os índios eram nomeados como administradores, ou seja, o colono deveria registrar essa pessoa com esta nomenclatura e recompensá-la pelo seu trabalho, mas isso era apenas o que ocorria em papel mesmo quando os indígenas passaram de administrador para a condição de homens livre ou alforriados (termo utilizado para descrever uma pessoa livre na época, “[...] o que representaria o capítulo final do processo de incorporação indígena à sociedade colonial paulista.” (Morales, W; Moi, F; 2008), a força de trabalho deles ainda era escrava, os colonos registravam essas pessoas com a nomenclatura indicada, mas os tratavam como escravos, mesmo depois da chegada dos negros, esses dois grupos de pessoas ainda eram tratados como inferiores.

Ainda no século XVIII seguindo as informações obtidas por Morales e Moi (2008) já citadas, a venda e aprisionamento de índios eram proibidas, mas ocorriam de maneira natural na região, pois havia a necessidade de manter essa mão de obra para os colonos, pois neste período, mais especificamente no ano de 1799 a população estava aumentando. Nesse momento, o total da cidade era de 3.876 incluindo pessoas livres e escravos. Dentro deste número 3.196 eram pessoas livres. Sendo 48,8% homens, 51,2% mulheres.

Entre os escravos o total era de 735, 79,9% de homens e 20,1% de mulheres. Esse reflexo da população onde mulheres brancas e livres era maior que a de homens brancos livres, levou ao aumento das relações entre negros e brancos resultando no início da população miscigenada na cidade. Essas relações começaram a dificultar os registros de nascimento e morte que eram feitos separados por raça pela igreja católica de Jundiaí que mantinha esse controle de escravos. As semelhanças físicas começaram a ser mais difíceis de reconhecer e a cultura branca começou a se fortalecer.

Ainda falando do aumento da população no século XVIII Izaias (2012) citado por Camoleze e Machado (2021) diz que a população escrava crescia de acordo com a necessidade da agricultura, ou seja, quando a cidade virou referência em produção de café a necessidade de utilizar mão de obra escrava só aumentava. O número de escravos em Jundiaí passa de 625 em 1798 para 2.206 em 1836. Sendo que destes, em 1798 eram empregados 520 (83,20%) na agricultura e em 1836 passam a ser empregados 2.035 (92,25%) escravos, ou seja, um aumento de nove pontos percentuais.

Mas esse aumento visível da população negra escravizada estava quase chegando ao fim pois em maio de 1888 a princesa Isabel assinaria e anunciaria a abolição da escravidão no país. Muitos grupos de apoio a pessoas negras foram criados em meio a esse processo de libertação, em Jundiaí o clube 28 de setembro é o mais antigo de toda região e estado, e foi criado pela própria comunidade onde segundo a família dos fundadores eram feitas a compra de cartas de alforria que eram como certidões de libertação que declaravam o negro escravo como livre.

### **1.1.1 A população de Jundiaí**

Em Jundiaí a população total segundo o Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010 era de 370.126 pessoas. Utilizando ainda como base de pesquisa o Censo do IBGE de 2010, 282.794 pessoas se consideravam brancas.

3.233 pessoas amarelas, 207 indígenas, 69.741 pardas e apenas 14.150 pessoas se consideravam negras. Comparando o crescimento da cidade atualmente Jundiá conta com 443.116 pessoas pelo censo do IBGE de 2022, dentro deste número 278 se declaram indígenas, um crescimento de pessoas que se mostram reconhecer sua ancestralidade, os números de brancos, pretos e pardos até a finalização do relatório do projeto não estavam disponíveis para visualização, mas em vista de 12 anos de crescimento talvez seja possível ver um aumento na população parda e negra, o que não significa que a cidade é menos racista ou que a cultura negra seja rica dentro da sociedade de Jundiá, apenas que mais pessoas estão se declarando negras e pardas.

Este número mostra como é expressiva a perda da população negra, muitos que são negros se consideram por inúmeras razões pardas. Uma explicação para as pessoas que se consideram pardas está na mistura, onde a pessoa tem pais de duas raças, resultando na mestiçagem, deixando assim a pessoa em dúvida do que ela é e de quem ela quer ser. Para entender como isto ocorreu é necessário voltar um pouco no tempo, no momento em que Jundiá foi nomeada como tal e quando a população da cidade começou a ser construída.

O IBGE em pesquisa sobre a criação da cidade explica que ao longo dos séculos XVII, XVIII e início do XIX, a economia da cidade se limitava a pequenas lavouras de subsistência, que abasteciam moradores da vila, tropeiros e bandeirantes. Na época, a região era formada por várias sesmarias pertencentes à Capitania de São Vicente, conhecida como 'Portão do Sertão'. Era o caminho de muitas entradas e bandeiras. Durante longo período, a escravidão indígena foi a base de mão-de-obra local, embora essa prática fosse proibida por lei como já citado.

A escravidão do povo indígena também foi uma realidade vivida pela cidade, eles foram os primeiros moradores de Jundiá, ainda quando ela não era conhecida como tal, e assim como os negros viveram esse período hoje vemos diariamente nos jornais as lutas das tribos indígenas para conquistarem suas antigas terras. O artigo A escravidão esquecida: A administração indígena em Jundiá durante o século XVIII

de Morales (2000), conta como foi esse período para essas pessoas. A pesquisadora a partir dessas informações e pela sua posição dentro da comunidade negra decidiu que este seria o primeiro passo para iniciar sua pesquisa.

## 1.2 As pessoas negras

Quando se fala de pessoas negras toda a história por trás da cor da pele e características dessas pessoas entram em discussão, um dos assuntos mais discutidos principalmente para as pessoas que são resultado de uma relação de raças diferentes é como saber se identificar, ou seja, saber quais são as características físicas e culturais que compõem a cultura negra.

Iniciando com explicações demográficas, segundo Oliveira (2004), no Brasil a atual classificação racial dada pelo IBGE oficializada desde 1991, se dá pela pesquisa de autodeclaração, ou seja, a própria pessoa na hora da pesquisa escolhe entre as cinco raças definidas, sendo elas branco, preto, pardo, amarelo e indígena. Oliveira (2004) completa

[...]Sabendo-se que raça não é uma categoria biológica, todas as classificações raciais, inevitavelmente, padecerão de limitações. Todavia, os dados coletados pelo IBGE, ao reunir informações em âmbito nacional, são extremamente úteis, pois apresentam grande unidade, o que permite o estabelecimento de um padrão confiável de comparação.

De acordo com o IBGE e Oliveira (2004) negro no Brasil é então quem se declara preto e pardo, isso indo além da condição biológica tendo como influência a cultura e sociedade na qual a pessoa vive.

## **1.3 A Chegada dos negros e o início da mistura racial no Brasil**

Para entender melhor como essa mistura ocorreu aqui no Brasil é preciso entender como os negros chegaram no país. Inicialmente como é descrito na história os índios foram a primeira população encontrada pelos colonos e a primeira a ser escravizada, mas a utilização de pessoas negras já vinha sendo usada fora das Américas e com o crescimento do Brasil se viu a necessidade de ter mais mão de obra e é nesse momento que os navios negreiros começam a vir para o país.

Laurentino Gomes (2019) em seu primeiro livro sobre a escravidão conta de onde e como eram feitas as vendas e viagens dos negros escravos até o Brasil. Entre 1520 e 1570 as entregas de escravos eram feitas no litoral do país e cresceram rápido, segundo as pesquisas encontradas em Gomes (2019) na metade do século XIX vésperas da abolição do tráfico negreiro no Brasil, a prática de tráfico escravo já tinha atingido o miolo do continente africano e aproximadamente 2 mil quilômetros do litoral e um pouco de Luanda, no Atlântico e a Ilha de Moçambique, no Oceano Índico, também foram alvos.

Um dos primeiros países do continente africano a ser procurado pelo comércio de negros foi a Angola, por volta de 1830, cerca de 80% dos escravos que chegavam no Brasil vinham da Angola, mais especificamente das regiões costeiras do país africano. O Historiador Luiz Felipe de Alencastro citado por Gomes (2019) diz “A destruição constante de Angola se apresenta como a contrapartida da construção contínua do Brasil”.



No século XVIII época em que tanto os registros encontrados por Gomes (2019) quanto os utilizados por Morales (2008) foi o de mais movimento de escravos no Brasil, 2,5 milhões de quilômetros quadrados o que equivale a um terço do território brasileiro, onde hoje se encontram a Angola e os dois Congos (República do Congo e República democrática do Congo) estavam tomadas pelo terror e pela prática de captura de cativos para comercialização e escravidão na Europa e naquele momento principalmente no Brasil.

Quando se fala do tráfico dessas pessoas, é importante mencionar a mortalidade que ocorria no caminho que os navios faziam, essa mortalidade implica na população final de escravos que é levada em consideração nas relações entre eles e os brancos no Brasil no decorrer da história.

Ainda na África, Gomes (2019) aponta que entre 40% e 45% dos negros escravizados morriam no trajeto entre as zonas de captura e o litoral. Dos que restavam, em média 10% e 15% faleciam durante o mês que ficavam esperando o embarque nos portos africanos. Desses sobreviventes, mais ou menos 10% morriam atravessando o oceano. E as mortes continuavam quando chegavam na América, 5% faleciam no processo de venda e transporte para o local de trabalho. E ao chegar no local onde iriam trabalhar mais 15% não sobreviviam aos 3 primeiros anos de cativo.

Joseph Miller citado por Gomes (2019) responsável por essas estimativas ainda aponta que de cada 100 escravos capturados apenas 40 sobreviviam ao final da jornada até o continente americano. Em torno de 60% do total faleciam durante o trajeto. Em resultado em mais de 350 anos dessa prática, de 23 milhões a 24 milhões de pessoas foram arrancadas de suas terras e famílias em todo o continente africano e levados aos navios negreiros.

Ainda quase metade, entre 11 e 12 milhões de pessoas morreram antes de sair da África. Até o fim do primeiro livro da trilogia que foi utilizado para a pesquisa desse projeto, de Laurentino Gomes em 2019, 12,5 milhões de cativos foram colocados nos

navios negreiros, mas apenas 10,7 milhões chegaram ao continente americano. Mais ou menos cerca de 1,8 milhões de pessoas um número um pouco superior aos 10% que Miller citado por Gomes (2019) estimou, no caso de Angola principal alvo na época, que morreram no trajeto e apenas 9 milhões chegaram ao destino.

As pesquisas de Gomes (2019) ainda mostram que o oceano Atlântico foi um grande cemitério de escravos. Na época em que aconteciam os transportes via navios as pessoas capturadas eram consideradas mercadoria então todas as mortes eram registradas em um livro, o “Livro dos Mortos” onde os capitães registravam suas mercadorias perdidas, como eram consideradas as pessoas traficadas, com isso a estimativa é que nesses 350 anos pelo menos 14 cadáveres eram jogados ao mar por dia, é por essa razão que os navios negreiros quando partiam da África para o Brasil eram conhecidos como tumbeiros.

Gomes (2019) conta que em 1805 um brigue, tipo de navio da época, do capitão Felix da Costa Ribeiro partiu da região de Biafra com 340 cativos, onde 230 morreram durante os 40 dias de viagem até Salvador, apenas esse navio colocou ao mar de cinco a seis cadáveres por dia. Outro exemplo é o Protector que obteve 150 mortos em uma viagem de cinquenta dias de Luanda até o Rio de Janeiro. Ainda se tem o brigue flor da Bahia onde faleceram 192 dos 557 escravos embarcados de Moçambique para Salvador, viagem de setenta dias uma média de três corpos ao mar por dia.

Os principais motivos de tantas mortes de negros pelos anos de tráfego são principalmente pela forma no qual essas pessoas eram submetidas dentro dos navios, essas condições resultavam em algumas doenças, disenteria, febre amarela, varíola e escorbuto eram algumas delas, uma das causas também era o suicídio, muitos dos capturados não aguentavam aquela situação e se jogavam ao mar, por conta disso os navios começaram a colocar redes nas laterais para que se evitasse esse tipo de tentativa, as pessoas também morriam de depressão, ou como chamavam na época

de banzo, a pessoa nessa situação parava de comer, perdia o brilho no olhar e ficava inerte enquanto sua alma ia embora de seu corpo em poucos dias.

Antes ainda dessa devastação do continente africano para crescimento do Brasil, a prática de tráfico de pessoas para venda escrava já vinha sendo realizada a muito tempo no sul de Portugal, uma história que iniciou a procura por cativos de pele negra retinta ou clara. Em 1444 o primeiro leilão de pessoas foi feito na ilha de Lagos sul de Portugal.

A prática de captura de pessoas para serem escravas era comandada por Dom Henrique irmão de Dom Pedro, nesse registro escrito pelo escrivão de Dom Henrique, Azurara, é descrito como foi o primeiro leilão de escravos africanos da história. Em seu escrito citado por Gomes (2019) cerca de 35 mil navios negreiros navegaram pelo oceano Atlântico para capturar negros envolvendo cerca de 12,5 milhões de pessoas em mercadoria, tudo isso antes que fossem para a América, nessa parte da história os negros eram comercializados apenas na Europa.

Os registros de Gomes (2019) ainda contam que entre 1450 e 1500 ano em que o Brasil foi encontrado pelos portugueses, mais ou menos 150 mil africanos foram capturados e comprados na costa da África pelos portugueses. É interessante dizer que antes do Brasil ser considerado o país com maior presença de negros Portugal veio primeiro, com 3% do total de 1 milhão de habitantes, isso em 1550. Esse número correspondia a 32 mil escravos no país.

O termo mercado negro, veio direto de Portugal, que foi conhecido por muito tempo como local de compra e venda dessas pessoas. O país tinha suas cidades específicas onde era possível encontrar os africanos que seriam vendidos. Cerca de 10% da população de Lisboa, Évora, Lagos e Porto eram das mercadorias, os negros. Hoje por exemplo onde é a praça do município de Lagos era o local de leilão onde também está localizada a Casa dos Escravos, repartição da Coroa ligada a Casa da Mina e aos Tratos da Guiné fundada em 1486, onde os negros ficavam aguardando a sua venda.

Falando de população em 1800 aproximadamente 45 milhões de escravos compunham toda a população do mundo, ou seja, 5% do total de pessoas. Embora nessa época, segundo essas pesquisas a maioria da população no mundo fosse de escravos, segundo as pesquisas feitas por Gomes (2019) em seu primeiro livro, eles nunca se revoltaram de maneira que levassem a guerras gigantescas como as que temos em registros históricos. Tentaram se proteger a todo custo quando eram caçados, e quando fugiam de seus senhores mantinham os quilombos, locais que os escravos que fugiam se juntavam, um desses exemplos é o quilombo dos palmares e o quilombo mais antigo da região de Jundiá que fica em Itatiba (local que fazia parte da região de Jundiá antes que as cidades ao redor começassem a ser criadas), que segundo os moradores que ainda mantém a comunidade do quilombo viva, foi a primeira cidade do interior de São Paulo que aboliu a escravidão, em 29 de abril de 1888.

Peterson citado por Gomes (2019) fala sobre o fato que foi a escravidão e definiu como “morte social” quando o indivíduo é retirado de seu país, lugar de moradia, língua, crenças, laços familiares e ancestrais. Essa definição explica o porquê do embranquecimento da cultura, pois a partir do momento em que essas pessoas eram obrigadas a se converterem a cultura de seus sequestradores, elas deixavam toda sua história para trás e aqueles que se atrevessem a não se converter eram castigados.

Gomes (2019) traz também um censo feito em 1759 na Colômbia que mostra como os escravos se identificavam. 40% utilizavam um nome só, como Antônio, João, José nomes comuns em Portugal, outros 30% utilizavam crioulo (nome dado aos negros nascidos no Brasil assim como cativo era usado para descrever aqueles que seriam escravizados) como sobrenome o restante decidiu colocar o nome de seu povo, o que pode ser considerado manter sua ancestralidade viva e tinham aqueles que utilizavam como sobrenome a região da África na qual tinham nascido. Outra coisa que era comum também, é que os escravos que já tinham a carta de alforria que dava o direito de liberdade, utilizavam como sobrenome o mesmo de seu antigo dono,

no Brasil não tem registro desse tipo de pesquisa, mas é muito comum vermos nomes como Fernandez, Ferreira, Silva, Sousa, que são comuns nas famílias, e poucas de origem africana são vistas ou conhecidas.

Ser mestiço no Brasil é um fato histórico, assim como os Estados Unidos da América também fomos colonizados por vários povos, por conta disso o país é o mais misturado e ainda assim o mais rico em cultura branca, mesmo carregando o maior número de pessoas vindas do continente africano. É possível ver essa realidade nas regiões, centrais, sul e sudeste do país a maioria com mais presença europeia.

Para entender como funciona a mestiçagem aqui no país, o livro de Kabengele Munanga (2004) ajuda a entender como a questão de ser mestiço veio à tona, dizer como é definido e entendido ser mestiço tendo como questão: É algo apenas biológico ou ideológico?

Ao procurar a definição inicial do que seria um mestiço, Munanga (2004) vai até os filósofos Voltaire, Julien Offray de La Mittrie, Maupertius, Buffon, Kant e Edward Long, que consideravam que o mestiço era uma anomalia, um ser incapaz e degenerado. Historicamente os mestiços vem da relação do senhor branco com a escrava, conhecidos como mulatos, esses filhos bastardos dos senhores brancos eram frutos dessas relações de não consentimento entre eles e as mulheres negras.

Mas antes de entrar na questão da mistura de povos no Brasil, é interessante dizer que na África também tinham escravos e embora essa prática fosse feita de maneira diferente de acordo com a cultura desses povos africanos, existiram escravos nesse continente, o que não se pode fazer é comparar esses escravos e os outros de outros séculos antes deste com o que ocorreu no continente americano, onde o massacre de pessoas negras ultrapassou escalas.

Na África subsaariana entre os séculos XV e XVI a escravidão entre eles era muito comum, resultado de várias situações, segundo Mattos (2016) em seu livro *História e Cultura afro-brasileira* os escravos nas tribos africanas vinham de derrotados de guerras, onde toda família se tornava escravo, infratores de leis (geralmente assassinos, adúlteros e ladrões), quitação de dívida, falta de recurso para sobreviver, neste caso nesse período da história o escravo tinha permissão em seus dias de folga ou após o trabalho para plantar e colher alimentos e outras coisas que ajudariam na sobrevivência dele e de sua família. Neste período era muito comum que em algum momento eles criassem comunidades onde o chefe desses escravos dava um pedaço de terra aos seus cativos e os mesmos pagavam com as produções de suas terras, sociedade muito parecida com o período feudal da Europa onde ocorria o mesmo.

### **1.3 Voltando a mestiçagem**

A mestiçagem pode ser explicada como a mistura de duas raças. Isto é o que Kabengele fala em seu livro, como esse cruzamento no Brasil foi visto e foi feito. Sua fala sobre a questão da mestiçagem no país mostra um pouco de como essa relação de raças era vista

[...]O racismo universalista, teoricamente, não se opôs à mestiçagem como também não desenvolveu uma mixofobia. A miscigenação lhe oferecia o caminho para afastar a diferença ameaçadora representada pela presença da “raça” e da cultura negra na sociedade. (Munanga 2019, p 132)

Essa fala mostra que a miscigenação era mais do que a falta de brancos para se relacionar, mas uma maneira de ir acabando com a cultura negra dentro do Brasil. Embora Jundiáí tivesse índios como mão de obra forçada, historicamente falando o maior cruzamento de raças foi entre brancos e negros, pois assim no século XVIII os negros começaram a chegar em Jundiáí e o trabalho dos índios foi substituído pelo

deles, o que foi registrado nos livros de óbitos e casamento que estão guardados no museu Solar do Barão em Jundiá. Esse cruzamento entre branco e negro era resultante da falta de homens negros e mulheres negras na comunidade escrava, consequência da viagem longa do continente africano até o Brasil, como explica Laurentino Gomes (2019) em seu livro quando conta como eram feitas as viagens nos conhecidos navios negreiros onde, mais da metade morria ou se matava. Na cidade de Jundiá essa consequência da viagem era vista principalmente na quantidade masculina o que se deu no cruzamento de mulheres negras e homens brancos, surgindo então a raça parda que é onde muitos negros se identificam.

## **1.4 Vozes Negras no formato de WEBSITE**

Inicialmente a área escolhida era a televisiva, com o intuito de utilizar imagens e falas diretas das personas, a vídeo reportagem então era uma das melhores opções que ajudaria a transmitir a mensagem desejada.

Contudo o tempo para produção exige uma equipe na qual a pesquisadora não teria tempo de juntar e produzir tudo de maneira que a mensagem fosse passada com fácil entendimento, então para manter a essência de passar a mensagem de forma visível para o público com as falas diretas e mais ainda do trabalho pesquisado, a área escolhida foi Midia Digital - Website, que contém a liberdade de 30 páginas onde foi possível trazer vídeos, falas e fotos sem um limite de tempo, com mais abas e mais informações sem a necessidade de uma grande equipe mas sim de um bom olho e criatividade.

A escolha também veio pelo fato de as pessoas passarem mais tempo na internet do que vendo uma televisão ou lendo um jornal, sabendo disso o site vai trazer mais para perto o público-alvo da mensagem a ser transmitida. Essa certeza veio segundo uma reportagem do site de notícias G1 em 2021, a utilização da internet no Brasil cresceu 81% principalmente pelo celular e em casas de classes sociais C, D e E, classes essas onde a maioria da comunidade negra se encontra, levando essa

informação em consideração a utilização da criação de um web site foi validada. Essa pesquisa foi feita pela TIC Domicílios, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br).

Olhando para o que atualmente é usado pela sociedade o produto final no qual essa pesquisa se tornou foi um website composto por todas as leituras, entrevistas e imagens coletadas pela pesquisadora. A internet vem sendo uma ferramenta utilizada todos os dias pela comunidade negra pra contar a história e também discutir as questões que prejudicam a comunidade dentro da sociedade por esta razão o website foi escolhido para transmitir essa mensagem.

Um website, também conhecido como site, nada mais é que uma coleção de páginas da web interligadas que são acessíveis através da internet. É um espaço online que permite a apresentação de informações, conteúdo multimídia e interação com os usuários. Geralmente o website é composto por vários elementos, segundo o WIX, site onde se pode criar outros sites e que foi utilizado para a realização do produto final, alguns elementos são: Páginas da web: São documentos digitais escritos em linguagens como HTML (Hypertext Markup Language) e CSS (Cascading Style Sheets) que definem a estrutura, o layout e o estilo visual do conteúdo; Navegação: Os websites geralmente possuem um sistema de navegação, como menus e links, que permitem que os usuários acessem diferentes páginas e se movam pelo site; Conteúdo: Os websites podem conter uma variedade de conteúdos, como texto, imagens, vídeos, áudio e outros elementos interativos; Funcionalidades: Dependendo do propósito do site, ele pode oferecer funcionalidades específicas, como formulários de contato, sistemas de busca, carrinhos de compras em lojas online, sistemas de login de usuários, entre outros; Design e layout: O design e o layout de um website envolvem aspectos visuais, como cores, tipografia, imagens e organização dos elementos na página, a fim de criar uma experiência estética e funcional para os visitantes; Para acessar um website: basta digitar seu endereço, conhecido como URL (Uniform Resource Locator), em um navegador web, como o Google Chrome, Mozilla Firefox, Safari, entre outros.



Há diversos tipos de websites, incluindo sites institucionais, blogs, fóruns, redes sociais, lojas online, entre outros, para este projeto será utilizado o website em formato de blog onde as questões discutidas serão apresentadas de maneiras humanizadas.

Alguns exemplos utilizados para a criação do web site são: Blogueiras negras criado por mulheres negras que queriam além de compartilhar suas histórias aproximar outras mulheres negras a cultura afro. Alma Preta que é uma agência de jornalismo, existente desde 2015, criada por universitários comunicadores com o objetivo de potencializar a voz negra, hoje em dia o site fala sobre várias questões raciais dentro da sociedade atual.

No corpo do website é possível ver cores vivas que refletem a cultura negra, principal tema da pesquisa. As cores principais serão, vermelho, amarelo, preto e um verde mais claro, essas cores são muito usadas nas roupas típicas africanas e também na decoração de adereços e instrumentos da cultura. A escolha dessa abordagem visual vem de querer aproximar e introduzir o público a pesquisa onde ela vai poder associar as cores a toda a história em momentos diários após ler sobre a pesquisa.

Outro aspecto que o produto final tem são as entrevistas feitas com figuras negras escolhidas que representam alguns aspectos como função pública, cívica e cultural, nesse momento o leitor irá se conectar com experiências que talvez tenha vivido ou conhecer sobre uma história não contada, o objetivo dessas entrevistas é levar o leitor do site a conhecer mais sobre o que foi dito sendo os locais históricos, projetos ou festas culturais. As imagens e vídeos dos locais também serão representadas para que o leitor consiga visualizar o que foi dito tanto em pesquisa quanto em entrevista e tudo será legendado com informações para contato caso o interesse de conhecer e participar venha no fim da leitura.

A interação entre pesquisadora e leitor foi algo pensado com carinho pela pesquisadora, que em uma aba especial do website fez seu perfil para que os leitores

saibam quem ela é e os motivos de ter criado o website, além disso a intenção é que tenha uma conversa entre o público e a pesquisadora tendo então uma aba onde se pode ter essa interação de mensagens, comentários e sugestão de conteúdos futuros.

## **CAPÍTULO 2 – ESQUEMA DE INVESTIGAÇÃO**

No segundo capítulo deste relatório, a pesquisadora aborda todas as etapas que foram necessárias para a construção do website. Iniciando pela metodologia escolhida, partindo para as fontes de informações que complementaram o conhecimento da pesquisadora, passando pelo formato que foi escolhido e chegando ao objetivo principal.

Aqui é possível perceber quais foram os documentos utilizados, sendo artigos e livros especializados, e testemunhas, os pontos de partida para cada parte do projeto e também como o resultado final chegou até a pesquisadora.

### **2.1 Procedimentos metodológicos**

A escolha do tema, cultura negra no interior de São Paulo veio inicialmente com o intuito de apresentar os projetos e os coletivos que existem dentro da região de Jundiaí, a pesquisadora escolheu esse assunto pela pauta da comunidade negra estar em alta na sociedade brasileira e também em sua rotina diária. Contudo o tema mudou seu curso após uma conversa com seu orientador específico Felipe Schadt e Mariana Janeiro, política e munícipe negra de Jundiaí.

Nesta conversa a intenção era que a pesquisa não falasse apenas dos coletivos negros existentes, mas de toda a cultura da comunidade negra, perguntas como “Você sabe onde a cultura negra está?”, “Você se considera negra?” e “Por que você está querendo falar deste assunto?” foram abordadas e a partir daí o rumo da pesquisa mudou.

Percebendo a dificuldade de populares negros da cidade de encontrarem esses pontos culturais e característicos da comunidade negra a pesquisadora mudou esse rumo, inicialmente como orientada a pesquisadora foi a caminho de se descobrir dentro dessa comunidade e se colocando como popular que não sabia onde essa cultura estava ela partiu em busca desses locais e da história. Esta busca levou ao Museu Solar do Barão no centro de Jundiaí, ao parque Jardim Botânico, Museu Ferroviário de Jundiaí, Espaço expressa também em Jundiaí, Clube social 28 de setembro, projeto público educacional Rota Afro e leituras de artigos urbanos, históricos do estado de São Paulo e da cidade, trabalhos acadêmicos e livros como Escravidão I que conta toda a trajetória do povo negro até o Brasil que foram indicados tanto pelo orientador específico quanto pela orientadora metodológica Ane Katerine Medina Néri que além dos livros também indicou reportagens sobre o assunto que poderiam ajudar na pesquisa.

## **2.1.1 Levantamento bibliográfico**

Busca de dados históricos em artigos no google acadêmico, Scielo, livros de cultura negra, museu de história de Jundiaí, abaixo segue os tópicos que foram pesquisados e abordados no produto final:

### **2.1.1.1 Levantamento da história da cidade com os negros e indígenas escravizados**

Neste tópico foi contada a relação da cidade com a população escrava. As questões de como foi, quando, e até quando a escravidão aconteceu na cidade de Jundiaí. O processo de leitura, pesquisa e visita aos pontos históricos já citados ajudaram a entender quando Jundiaí nasceu como cidade e até quando durou a escravidão nela.

Entre os séculos XVII e XVIII Jundiaí passou a ser um ponto de parada dos viajantes, o que levou ao crescimento e a necessidade de ter moradores no local que movimentasse e melhorasse essa passagem de viajantes. Logo o aumento da agricultura ficou em evidência e isso colocou a escravidão como principal meio de trabalho.

Foi utilizado com base de pesquisa para entender como foi esse início os artigos Índios e africanos no interior paulista: um estudo sobre a transição do cativo indígena para a escravidão africana na Vila de Jundiaí, SP, no século XVII, de Walter Morales e Flavia Moi (2008). Este fala exatamente como foi o crescimento da mão de obra dos escravos no interior de São Paulo, como descobriu essas informações e como São Paulo foi ganhando força como cidade e estado.

Já o artigo encontrado na revista Labor e Engenho de Campinas, “Pelas lentes dos Janczur: a fotografia como representação da vida urbana no início do século XX em Jundiaí” de Jean Camoleze e Bruno Machado (2021). Conta como foram essas mudanças de vila para cidade e a relação dos escravos nessa história.

Também foi muito importante a leitura do livro Escravidão I, primeiro livro da trilogia de Laurentino Gomes (2019) que parte detalhadamente a história dos escravos vindos da África, neste livro a pesquisadora entendeu como ocorriam as viagens e como todo o tráfico negro prejudicou essa comunidade.

### **2.1.1.2 Levantamento da população da cidade separada por raças**

Aqui foi levantando quantas pessoas compõem a cidade de Jundiaí, e a quantidade separada pelas raças, para que fosse possível entender como a comunidade negra está sendo situada no ano em que a pesquisadora realizou o trabalho. Contudo a fonte utilizada para arrecadar esses números sofreu um atraso não esperado para entregar os números atualizados, mas foi possível mesmo assim ter uma base de como a população negra cresceu em Jundiaí.

O que trouxe também mais um questionamento, se essa população cresceu onde ela está e onde está essa cultura. Por essa razão foi dirigido visitas nos pontos históricos da cidade como o museu ferroviário do espaço expressa em Jundiaí. Este local conta como foi a construção da ferrovia na cidade e dentro dessa história se tem um pouco da participação dos negros.

O projeto educacional Rota Afro que leva aos pontos de história negra conta essa influência com mais detalhes, e foi através desse museu que a pesquisadora foi levada a essa rota e conseguiu conhecer mais fontes e mais informações que estão presentes no produto final.

### **2.1.1.3 Pesquisa sobre o que é ser negro**

Neste momento a pesquisa mostra o significado de ser uma pessoa negra, ajudar a entender como e quem é considerado negro no ano em que a pesquisa foi realizada, 2023.

Foram lidos livros como o de Kabengele Munanga (2004) que fala sobre a mistura do negro com o branco resultando na mestiçagem, uma discussão de como os nascidos dessa mistura se encontram nessa cultura negra. Fatima Oliveira (2004) com o livro *Ser Negro no Brasil: alcances e limites*. Outros como *História e cultura afro-brasileira* de Regiane de Augusto Mattos (2016) que explica a vinda da cultura negra para o país e ajuda a entender os aspectos dessa cultura, onde a pesquisadora conseguiu identificar as características na cidade de Jundiaí e catalogar os pontos onde os negros estão.

Outra maneira que ajudou a entender o que é ser negro foi a visita feita em julho de 2023 a Rota Afro já citada, essa visita cultural e histórica permitiu conhecer as personas do clube 28 de setembro, de coletivos negros e historiadores locais, conversas que permitiram que a pesquisadora se conhecesse como negra e soubesse como é ser negro.

#### **2.1.1.4 Leitura e pesquisa sobre a mestiçagem**

Neste tópico foi explicado o que é o mestiço, como ocorre a miscigenação, como isso ocorreu em Jundiá e no Brasil e como essas pessoas se consideram atualmente.

O livro de Kabengele Munanga (2004) foi de extrema importância para entender os mestiços no Brasil, o livro Redescobrimo a mestiçagem no Brasil conta como é o mestiço dentro da sociedade, como o branco enxerga essa mistura e principalmente como o negro vê isso. A problemática de utilizarem o mestiço para apagar a cultura negra do país é uma das coisas que Munanga fala e uma das coisas que andando como popular a pesquisadora percebeu.

Entendendo toda a história do negro, desde sua captura no continente africano até a chegada deles no Brasil ajudou a esclarecer como iniciou o envolvimento do negro com o branco em relações mais pessoais. As mortes da maioria dos negros e a falta de homens brancos são um dos principais motivos para o início dessa mistura e o que deu início a dificuldade de se registrar a quantidade de negros na região de Jundiá.

#### **2.1.1.5 Comunidade negra de Jundiá e as entrevistas feitas**

Aqui foi definido as três figuras que representam a cultura negra em Jundiá. Os escolhidos representam a parte pública e política da cidade, onde foi mostrado a influência que uma pessoa negra tem no meio político municipal. Figura cultural e

feminina, onde a figura escolhida fala sobre como é trabalhar no meio artístico representativo negro e por fim o cidadão negro que contou como eram as atividades e encontros da comunidade negra 30 anos atrás e como ele enxerga a comunidade nos dias atuais.

O porquê dessas escolhas é para que no produto final tenham várias visões dos pontos mais importantes dessa comunidade. Valéria de Paula é a visão política pública do projeto, além de ser funcionária pública na área de cultura ela é responsável pelo projeto Rota Afro e foi utilizada para saber mais sobre o projeto, além disso ela também é filha, neta e sobrinha dos criadores do clube mais antigo da cidade para pessoas negras de Jundiaí. Sua fala foi essencial para saber sobre todos esses aspectos de alguém de dentro desses locais.

Gislaine Real é jornalista e atriz do projeto Rota afro, ela foi escolhida para falar além do projeto, mas também de como se vê sendo uma mulher negra dentro de Jundiaí. Ela não é uma fonte oficial, mas foi uma fonte para conhecer a trajetória de profissionais negros na área da cultura, de projetos culturais negros e afins.

O último entrevistado é presente na cultura negra desde seu nascimento e viu a mesma ficar em evidência e mudar várias e várias vezes. Sua visão de 30 anos atrás foi importante para saber todo o início dessa força cultural. Wellington Silva é negro, nascido em Jundiaí que conheceu toda a região que roda a cidade e hoje vive na cidade com sua família. Ele viveu e participou de vários momentos da cultura negra e conta com detalhes de como era para os negros esse envolvimento e como enxerga isso em 2023.

Todas as entrevistas foram feitas em dois momentos, o primeiro foi no mês de julho onde a pesquisadora fez uma pré-entrevista, para conhecer melhor suas escolhas e também saber qual o nível de conhecimento de cada. Depois desse momento foi realizado um roteiro de perguntas para cada personagem do projeto e em seguida no mês de agosto no dia 30 e no dia 02 de setembro foram realizadas as entrevistas oficiais, todas gravadas em vídeo, cada uma com até uma hora de fala.

Depois de decupadas e editadas o resultado final foram dois vídeos de 10 minutos cada. O primeiro contém o projeto cultural, a fala da política pública, a influência do clube 28 de setembro e as expectativas para o futuro. O segundo fala

sobre a cultura, a influência da música, a autoestima do negro e como foram as mudanças no período de 30 anos.

A estratégia de dividir essas entrevistas além de não deixar longo e cansativo para o leitor do website, também veio para que possa separar os assuntos, embora eles estejam ligados estar juntos e um único vídeo não faria sentido para a mensagem escolhida que é a de inserir o leitor dentro da cultura e história. Quando ele assiste um ele está vendo o momento da história, da caminhada do negro até hoje no outro ele conhece projetos, conhece um pouco da família histórica do clube 28 de setembro e enxerga a expectativa para o futuro da cultura.

## **Wellington Silva**

### **Jornalista**

#### **Entrevista realizada em 02 de setembro as 14h da tarde**

É formado em jornalismo e atua na profissão a mais de 20 anos, Wellington foi criado apenas mãe em Jundiaí e em Campo Limpo Paulista. De família negra a presença dessa cultura sempre foi muito presente em sua vida. Hip hop, samba e rap faziam e fazem parte de seu dia a dia. Em sua juventude o clube 28 era seu point favorito com seus amigos. Teve seu primeiro grupo de rap entre seus 15 e 18 anos e conta como isso foi importante para sua vida. Hoje ele é casado com um filho pequeno e moram em Jundiaí, o tema de sua entrevista foi levado utilizando um roteiro com o intuito de falar sobre seu ponto de vista como morador e vivente da cultura negra na região.

## **Valéria de Paula**

### **Funcionária pública**

#### **Entrevista feita em 30 de agosto às 16:30h**

Valéria é funcionária pública de Jundiaí na área de cultura do município. No ano de 2022 ela juntamente de sua equipe criou o projeto educacional, histórico e cultural Rota Afro que tem como objetivo contar a história do povo negro de Jundiaí. Além de



fazer parte da repartição pública ela também é parente direta dos fundadores do clube social 28 de setembro, um centro educacional de socialização da comunidade negra. A entrevista com ela foi voltada para sua relação com o clube 28 e sobre o projeto público Rota Afro.

## **Gislaine Real/ Gi Real**

### **Jornalista e atriz**

#### **Entrevista feita em 30 de agosto as 16h**

Gi Real nome artístico de Gislaine, é uma jornalista, artista e atriz de Jundiaí. Trabalhou por 16 anos como tatuadora até que decidiu ir atrás de outro sonho, o de se tornar atriz. Ela foi por muito tempo uma das únicas atrizes negra de Jundiaí e quando foi convidada para participar do projeto Rota Afro ela atribuiu que se os atores tinham de ser negros a cidade teria que ajudar na formação desses atores. A entrevista com ela veio com o intuito de falar a visão da mulher negra moradora de Jundiaí e participante de projetos voltados para essa comunidade.

Todas as entrevistas tinham um roteiro pré definido, contudo durante as entrevistas a pesquisadora não seguiu fielmente seu roteiro, tendo como ajuda para as perguntas as repostas de seus entrevistados. Essa técnica é explicada pela autora do livro “Entrevista o diálogo possível” de Cremilda de Araújo Medina que afirma que essa técnica é uma troca onde o entrevistador tem a base que é o roteiro, mas leva a entrevista como um diálogo, respeitando as respostas e utilizando elas como base para as próximas perguntas. O roteiro dessas entrevistas pode ser encontrado nos apêndices do relatório.

## **CAPÍTULO 3 - DESCRIÇÃO DO PRODUTO**

O terceiro e último capítulo explica mais sobre o produto final, neste caso o website. Aqui também a pesquisadora apresenta todos os gastos para a realização e plano de divulgação do produto.

### **3.1 Características básicas**

A pesquisadora optou por utilizar o formato de website com disponibilidade de uso de 30 páginas contando pelo formato em pdf do produto.

A escolha veio como já citado pelo tempo em que as pessoas estão passando no celular e também pela dinâmica de interação que o website proporciona, dinâmica essa que permite o leitor compartilhar o conteúdo de forma rápida e gratuita com quem ele quiser e onde ele quiser. Além disso as pesquisas de Duarte (2014) apontaram que nesse formato é possível abranger a multimídia que atua com imagens, vídeos e textos todos em harmonia em uma só página. A interatividade entre o criador do site e seu leitor também foram pontos estudados a partir da leitura de pesquisas como a de Canavilhas (2014) que aborda as características de um website e seus principais fundamentos.

O website contém diversas imagens separadas em galerias específicas, todas descritas com sua respectiva história. Também tem conteúdo em vídeo, separados. Um vídeo apresentação do tema na página inicial e dois vídeos com as entrevistas realizadas, e vídeos espalhados pelas páginas que ajudam na ilustração dos pontos citados.

Tem no total 12 páginas principais algumas contando uma parte da história e outras sendo apenas a galeria de fotos.

As páginas foram divididas da seguinte forma:

### **. Vozes negras**

Essa primeira página é a inicial, a primeira que o leitor vai ver. Nela tem o vídeo de apresentação do tema falado pela pesquisadora e uma galeria de fotos, cada uma de um ponto falado no site.

### **. Minha voz, meu eu**

A segunda página é do perfil da pesquisadora, nela o leitor tem um resumo de quem é a pesquisadora e de onde veio a ideia do tema. A ideia dessa página é que o leitor saiba e conheça quem está contando essa história para ele.

### **. Nossas vozes de Jundiá**

Seguindo a mesma funcionalidade da segunda página está apresenta e aproxima o leitor dos entrevistados. Com uma foto de cada e uma breve aproximação o leitor vai saber quem são os personagens escolhidos e sobre o que eles falam.

#### **. Deixando de ser resistência para ser existência**

Entrevista em vídeo de duas das personagens utilizadas no projeto. Contendo 10 minutos o leitor pode deixar a entrevista rodando enquanto faz outras coisas. Nessas entrevistas a pesquisadora separou falas sobre a história da família do clube 28, expectativa do futuro, a importância dos projetos culturais e o racismo estrutural além da importância de se contar a história do negro.

#### **. O primeiro grupo de rap**

Segunda entrevista de 10 minutos contendo a história da cultura negra em 30 anos. Contendo detalhes de como eram os encontros das comunidades negras, o estilo musical, a influência que a dança e a música causaram como eram vistas pelos outros e também sobre o espaço que o negro alcançou até novembro de 2023.

#### **. Por onde passamos**

Um resumo de cada espaço que a comunidade negra passou, e sua influência. Nessa aba o leitor pode escolher qual espaço ele quer conhecer mais sobre a história da comunidade negra e vai ser direcionado ao local de sua escolha.

#### **. Clube 28 de setembro**

História mais detalhada do clube, sua importância de maneira mais social sem a fala das entrevistas feitas. Nessa aba também terão fotos e vídeos além do endereço do local caso o leitor se interesse.

#### **. Espaço Expressa, 9 - Jardim Afro, 10 - Rota Afro, 10 - Igreja do povo negro**

Assim como o item sete essas outras 04 abas têm mais detalhes de cada assunto, além do endereço, fotos e vídeos.

#### **. Do calado ao loquaz**

A última aba do site tem a história do povo negro em Jundiaí, assim como foi explicado no relatório a história desse povo, o leito no website também vai poder conhecer um pouco.

## **3.2 DIAGRAMAÇÃO/ EDIÇÃO**

Para criar o website foi utilizado o criador de sites online WIX, um programa dinâmico e de fácil acesso que contribuiu para a realização do produto. A pesquisadora utilizou esse criador após receber a orientação do orientador específico Felipe Schatd e também depois de conversar com o professor Leonardo Feitosa que ensinou em suas aulas de diagramação e criação de sites como usar esse programa.

A estrutura e coloração do site foi escolhida com a ajuda do professor Matheus Marques com aprovação do orientador específico. Utilizando das cores, vermelha, preta, amarela e verde para representar a cultura africana. A pesquisadora também utiliza no vídeo de apresentação vestimenta e cabelo típico da cultura negra para que traga a sensação de aproximação do leitor com o assunto.

O site possui a acessibilidade de áudio e vídeo para as principais entrevistas. Um chat para que o leitor possa entrar em contato direto com a equipe criadora para tirar dúvidas, comentar ou trazer mais informações para o conteúdo do website. Além disso o SEO do produto que é o que garante que as pessoas encontrem quando procurarem no google, que é a principal plataforma de pesquisa até novembro de 2023, foram escolhidas de acordo com os principais assuntos encontrados no produto, sendo, cultura negra, história e música.

O web site conta também com uma área de divulgação dos conteúdos, com e-mail para contato de marketing e post em rede sociais.

### **3.3 Linguagem empregada**

A linguagem utilizada foi principalmente para o público jovem negro. Todos os termos técnicos utilizados dentro do produto final foram explicados de maneira que seja fácil entender.

O trabalho todo foi feito em terceira pessoa, embora a pesquisadora faça parte dessa comunidade a história é sobre a comunidade como um todo pela visão de outros componentes, tendo a pesquisadora apenas como narradora e mediadora dessa história.

As entrevistas em alguns momentos utilizam de gírias para que possam se situar dentro da cultura. Embora seja um trabalho de conhecimento histórico o site também é um guia turístico cultural para a comunidade e para quem ainda não conhece a comunidade negra.

### **3.4 Público-alvo**

É um trabalho voltado para as pessoas negras e para quem ainda não se identificou como negro(a), contudo outras pessoas interessadas ou que já conhecem um pouco da história também estão incluídas. O público principal é o negro, mas trata-se de um assunto social que necessita que tenha abertura para todos.

O objetivo da pesquisadora é que o projeto alcance pessoas como ela que também não se conheciam e se reconheciam, a importância de conhecer a sua história e saber quem você é foi o principal motivo do tema ter sido escolhido pela pesquisadora.

### 3.5 Divulgação

A primeira forma de divulgação deste projeto é na biblioteca do Centro Universitário Campo Limpo (UNIFACCAMP), onde tem disponível uma cópia que os alunos interessados na temática encontrarão no acervo da instituição e os populares da região também poderão ter acesso.

Todos os personagens e profissionais que contribuíram de alguma forma receberam o link de acesso do website para que possam compartilhar.

O website também será divulgado nas redes sociais da pesquisadora como Facebook, Instagram e Twitter. Além disso a pesquisadora vai encaminhar uma cópia para a instituição SESC (Serviço Social do Comércio), unidade de Jundiaí que apoia projetos culturais e pode ajudar no alcance de pessoas para conhecer o produto.

### 3.6 Orçamento

**Tabela 1 – Gastos com o projeto**

<b>Itens</b>	<b>Valores</b>
Transporte	R\$ 62,00
Alimentação entrevistas	R\$30,00
Domínios e acessibilidades site	R\$ 53,80
Impressão relatório	R\$100,00
Encadernação	R\$ 50,00
TOTAL	R\$295,80





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sentimento de estar perdido (a), de não saber onde se encontrar, onde sua comunidade está, leituras, passeios e acompanhamento de pessoas que falam sobre que fazem parte desse caminho de resistência negra foi o que levou a tornar esse projeto realidade.

Abrir os olhos e enxergar uma problemática na qual já somos acostumados desde o nascimento e trazer para a discussão, é um passo de grande importância para tornar a pauta de mais valor do que já é considerado dentro da comunidade negra.

Ser uma pessoa negra no interior majoritariamente europeu é uma eterna procura por si e pelos seus iguais e sua história. Estar em Jundiaí, uma cidade de grande porte para o interior de São Paulo que ajudou em vários aspectos, desde a agricultura até a industrialização do estado que foi também um polo de escravidão é incansavelmente procurar pela história, perdida e pouco contada dos negros.

O website “Vozes Negras: Resignificando o passado para aprender sobre o presente e melhorar o futuro” saiu do papel para ajudar essas pessoas, contando um pouco sobre a história dos negros que começou no século XVIII e vive até novembro de 2023, mostrando a cultura e o espaço alcançado as mudanças que ocorreu e principalmente onde o negro de Jundiaí e região pode se encontrar e se conhecer. Os lugares citados no site são históricos e alguns recentemente reconhecidos como parte desse caminho.

As falas constantes de que o negro foi e é presente em Jundiaí estão eternizadas neste projeto que mostra também o que a rede pública pode fazer em relação a comunidade e a essa parte apagada da história, o Rota Afro é esse projeto e consigo trouxe todos os aspectos históricos e culturais do povo negro de maneira educacional, turística e gratuita. Quando se fala em apagamento, embranquecimento, se fala em perda de essência e de pessoas que não conseguem se reconhecer. Este projeto tem como principal objetivo mostrar que esse apagamento ocorreu e como é possível encontrar e se reconhecer dentro da comunidade, participando de projetos como o Rota Afro, indo em clubes sociais negros como o 28 de setembro, visitando igrejas como Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e indo em jardins como o Botânico que tem humildemente um espaço espacial para representar as plantas, árvores e cores que esse povo trouxe consigo.

Para que o projeto ganhasse mais força e mais confiabilidade, a bibliografia especializada no assunto foi de extrema importância, foi um exercício onde a aluna pesquisadora se encontrou e se reconheceu também dentro do projeto, foi importante essa relação para que a busca pelas informações obtidas tivesse o sucesso que teve.

Em meio a pesquisa não se imaginava que seria possível encontrar tantas informações e histórias, já que essa parte foi por muito tempo apagada e quase perdida fisicamente, essas informações encontradas que garantiram a certeza do ponto protegido, de que a cultura estava sendo apagada. Descobrir que a miscigenação não era apenas uma consequência do tráfico humano, mas também utilizado depois como tática de apagamento e exclusão de tal comunidade e cultura., também foi importante para que se percebesse como algo por muito tempo considerado comum tivesse uma problemática real por trás.

Leituras como a de Gomes (2019), Mattos (2016) ou Munanga (2004) foram instrumentos que possuem uma bagagem minuciosa dos ocorridos com essas pessoas e suas principais características. Entender que um aumento de população não significa que a cultura é firme, existente e de fácil acesso a todos da mesma comunidade também participou desse relatório como forte argumento de que um

grupo grande não garante disseminação de informação e cultura e que dentro dele próprio pode existir alguém perdido tentando se encontrar.

A aluna pesquisadora como futura jornalista e mulher negra que entendeu sua posição dentro da sua comunidade, não poupará medidas para que essa história, esses locais e esses relatos alcancem o maior número de pessoas e discussões para que a voz negra seja realmente ouvida e ressignificada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMA PRETA. Página inicial. Disponível em: <https://www.almapreta.com.br/>. Acesso em: 28 maio 2023.

BLOGUEIRAS NEGRAS. Quem somos. Disponível em: <https://blogueirasnegras.org/quem-somos/>. Acesso em: 28 maio 2023.

CALHEIROS, Rogério Fernandes. **O Mosteiro de São Bento de Jundiaí e o culto e devoção à Sant'Ana na Vila formosa de Nossa Senhora do Desterro** (1668-1764). 2022. Puc Campinas. Disponível em: [O Mosteiro de São Bento de Jundiaí e o culto e devoção à Sant'Ana na Vila formosa de Nossa Senhora do Desterro \(1668-1764\) \(puc-campinas.edu.br\)](https://puc-campinas.edu.br) Acesso em: 20 de maio 2023

CAMOLEZE, J. M. C.; MACHADO, B. H. . Pelas lentes dos Janczur: a fotografia como representação da vida urbana no início do século XX em Jundiaí [SP]. Labor e Engenho, Campinas, SP, v. 15, n. 00, p. e021015, 2021. DOI: 10.20396/labore.v15i00.8665043. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/8665043>. Acesso em: 14 maio. 2023.

GOMES, Laurentino. **Escravidão – Vol. 1**. São Paulo: Globo Livros, 2019.

GLOBO.com. **Uso da internet no Brasil cresce e chega a 81% da população, diz pesquisa**. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/08/18/uso-da-internet-no-brasil-cresce-e-chega-a-81percent-da-populacao-diz-pesquisa.ghtm>. Acesso em: 18 ago. 2023.

IBGE. **Cidades. Jundiaí: histórico**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/jundiai/historico>. Acesso em: 14 maio 2023.

IBGE. **Cidades. Jundiaí: pesquisa - Panorama Socioeconômico**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/jundiai/pesquisa/23/25124?detalhes=true>. Acesso em: 14 maio 2023.

LIMA, Tiago Gonçalves; REIS, Antonio. O APAGAMENTO DA HISTÓRIA INDÍGENA NA CIDADE DE JUNDIAÍ. XVII Workshop Multidisciplinar sobre ensino e aprendizagem, p. 130. Revista WEA Unifaccamp 2020/2021.

Disponível em: [relacao\\_2020\\_2021\\_new.pdf \(unifaccamp.edu.br\)](#) Acesso em: 02 de novembro 2023

LOBO, Lilia Ferreira. **Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil**. 2008. Puc Rio. Disponível em: [\(Foto de página inteira\) \(puc-rio.br\)](#). Acesso em: 02 de novembro de 2023

LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. **Evolução da sociedade e economia escravista de São Paulo, de 1750 a 1850**. 2006. São Paulo. Edusp.

MATTOS, Regiane de Augusto. **História e cultura afro-brasileira. Editora contexto, São Paulo** – 2016 primeira edição.

MARQUESE, Rafael de Bivar. **A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX**. Novos estudos CEBRAP, p. 107-123, 2006. Disponível em: [SciELO - Brasil - A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX](#). Acesso em 02 de novembro de 2023

MORALES, W. F.; MOI, F. P. **Índios e Africanos no interior paulista: um estudo sobre a transição do cativo indígena para a escravidão africana na Vila de Jundiá, SP, no século XVIII**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, [S. l.], n. 18, p. 115-131, 2008. DOI: 10.11606/issn.2448-1750.revmae.2008.89832. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/89832>. Acesso em: 14 maio. 2023.

MORALES, Walter. **A cerâmica “neo-brasileira” nas terras paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na vila de Jundiá do século XVIII**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 11, p. 165-187, 2001.

MORALES, W. F. **A escravidão esquecida: a administração indígena em Jundiá durante o século XVIII**. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: [ReP USP - Detalhe do registro: A escravidão esquecida: a administração indígena em Jundiá durante o século XVIII](#). Acesso em: 16 abr. 2023.

MONTEIRO, John Manuel. **De índio a escravo. A transformação da população indígena de São Paulo no século XVII**. Revista de Antropologia, p. 151-174, 1987.

MORAIS Viviane. **Alforria**. Afrofile. Disponível em: <https://www.afrofile.com.br/wiki/alforria#:~:text=O%20nome%20alforria%20%C3%A9%20uma%20express%C3%A3o%20%C3%A1rabe%20que,que%20o%20seu%20senhor%20havia%20feito%20ao%20compr%C3%A1-lo>. Acesso em: 11 jun. 2023.

MORALES, Walter Fagundes. **Apontamentos para o estudo da administração indígena em Jundiá: séculos XVII e XVIII**. Revista de Arqueologia, v. 11, n. 1, p. 131-134, 1998.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

OLIVEIRA, Fátima. **Ser negro no Brasil: alcances e limites. Estudos avançados**, v. 18, p. 57-60, 2004.

PEREIRA, M. D. de S. (2023). **Quem quer (pode) ser negro no Brasil?**. *Revista Em Favor De Igualdade Racial*, 6(1), 136–145. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/269579.6.1-13>. Acesso em: 02 de novembro 2023

PINSKY, Jaime. **Escravidão no Brasil**. 1992. Editora Contexto. São Paulo

REIS, Déborah Oliveira Martins dos. **Produção e Comércio em uma Economia Agrária em Transformação: Jundiáí, 1799-1830**. Estudos Econômicos (São Paulo), v. 49, p. 375-413, 2019.

REIS, Adriana Dantas. **Gênero: uma categoria útil para a história da escravidão no Brasil**. Interfaces Científicas-Humanas e Sociais, v. 6, n. 2, p. 11-28, 2017.

WIX. **Elementos: estrutura de um site**. Disponível em: <https://pt.wix.com/blog/2022/02/elementos-estrutura-de-um-site>. Acesso em: 11 jun. 2023.

## APÊNDICE A – ROTEIROS DE ENTREVISTAS

PERFIL E LISTA DE PERGUNTAS DO ENTREVISTADOS TCC MAYARA MARTINS

Perguntas gerais para todos os entrevistados:

Nome completo:

Idade:

Profissão:

Importante ressaltar que esse foi o roteiro levado as entrevistas, mas nem todas as perguntas que estão nele foram realizadas, já que foi utilizado o método de entrevista como diálogo.

**Wellington Silva - Homem negro de Jundiaí – Jornalista a mais de 20 anos ativo na cultura negra – Entrevista terça feira após as 14h (Parque engordadouro - Jundiaí)**

. Wellington é jornalista a pouco mais de 20 anos, criado apenas pela mãe em Jundiaí ele sempre foi muito ligado e participativo na cultura negra da cidade. Hip hop e samba sempre fizeram parte da sua rotina, para sair com os amigos o Clube 28 era o point. Com ele a entrevistar vai abordar o lado de cidadão negro e comunicador negro em Jundiaí, o intuito é saber o seu ponto de vista como cidadão comum e também como transmissor de informações.

Perguntas:

Como cidadão negro da cidade, você a vê como um local racista? Por quê?

Sendo um homem negro bem-sucedido, você consegue enxergar uma quantidade razoável de pretos e pretas na mesma posição que você em Jundiaí?

O clube 28 era um local onde todos os negros se reuniam, podemos dizer que lá era o núcleo da cultura negra. Hoje em dia você acha que ele perdeu sua força, se sim por quê?

Como comunicador você vê notícias que refletem o povo negro na cidade?

Ainda como comunicador você se vê na responsabilidade de colocar notícias que refletem ao povo negro, no intuito de não deixar a cultura morrer?

**Valeria Clube 28 – Mulher negra moradora de Jundiaí e neta de um dos fundadores do clube 28 – Entrevista marcada para quarta-feira as 16h – no espaço expressa, pois, lá tem espaços do encontro afro**

Valeria é funcionária pública do espaço expressa, parte de cultura e história em Jundiaí. Desde o ano passado ela participa como guia da rota afro um dos movimentos que mantem a cultura e a história dos negros viva em Jundiaí. Além de fazer a rota afro, onde ela leva a comunidade, escolas e quem mais tiver interesse, para pontos históricos que muita gente não conhece e que tem relação com o povo negro, além disso ela é parente direta de pessoas que trabalharam na construção da ferrovia e na idealização, construção e inauguração do Clube 28, o centro social e de educação para negros, um dos mais antigos do estado. A entrevista com ela vai ser mais voltada



para ela como sendo parte direta dessa história também será abordado seu trabalho com a rota.

Perguntas:

Quantos de seus familiares foram trabalhadores na ferrovia e na criação do Clube 28?

Como é para você fazer parte dessa história, tendo esse marco tão importante dentro da sua família?

Você sendo uma mulher negra, que trabalha no espaço público, que sabe da história do povo negro e com a bagagem histórica dentro da sua família, você enxerga a cidade de Jundiaí como uma cidade branca que em vários momentos da história tentou apagar a existência de negros e tudo que fizeram?

Trabalhar no espaço público da cidade foi uma forma de colocar em prática projetos que mantenha a cultura negra viva?

Qual o principal objetivo da rota afro?

Você vê dificuldade dos negros se encontrarem com sua comunidade, cultura e história aqui em Jundiaí?

Como você enxerga a cultura negra daqui a alguns anos não apenas aqui em Jundiaí, mas em todo país?

**Gislaine Real / Gi Real – Mulher negra artista e atriz da rota afro –  
Entrevista marcada para quarta-feira as 16h – espaço expressa também**

Gislaine era tatuadora e depois de 16 anos atuando na área ela decidiu se dedicar a arte de outra maneira, além de fazer murais artísticos ela também atua como atriz na rota afro da cidade de Jundiaí. A entrevista com ela vai ser levada na pegada de cidadã negra dentro da sociedade de Jundiaí e também como atriz na rota afro quais as influências que ela espera trazer para quem participa dessa ação.

Perguntas:

Como cidadã negra em Jundiaí você enxerga a cidade como racista?

Você sempre trabalhou como artista e hoje está inserida em um projeto que mantém a arte viva contata a histórias dos negros da cidade, por que decidiu participar?

Você participa de outros projetos que tenham relação com a cultura negra?

Você vê dificuldade dos negros se encontrarem dentro da comunidade e encontrarem locais que falam e que vivam essa cultura em Jundiaí?

Qual a sua expectativa participando do projeto rota afro?

## **DECUPAGEM DAS ENTREVISTAS GRAVADAS**

### **DECUPAGEM**

#### **GISLAINE REAL**

##### **VIDEO**

**01**

-Início 0:17 “Não é a cidade que é racista...” até 0:38

-Início 1min “Bem em primeiro lugar...” até 02 min

-Início 3:14 “Acho que a gente tem um ponto forte aqui” até 4:17

-Início 4:37 “Depois de conhecer e apresentar” até 5:30

---

#### **VALERIA**

##### **VIDEO 01**

-Início 0:24 “Então em conversa com a minha mãe” até 0:55

-Início 1:04 “Fazer parte dessa história...” até 1:53

##### **VIDEO 02**

-Início 0:37 “Uma cidade bastante difícil” até 2:29

-Início 03min “Sou uma agente cultural” até 3:50

- Início 4:24 “A rota afro é um projeto...” até 4:40
  - Início 4:42 “A rota afro ao invés dela falar...” até 5:51
  - Início 6:01 “Eu penso, imagino e desejo” até 7:38
- 

## **Wellington**

### **VIDEO 01**

- Início 0:40 “Quando a gente já tem 11/12 anos” até 1:57 “A gente não se via”
- Início 2:32 “A gente se identificou nós jovens...” até 3:36 “e volta em 3:41 e vai até 4:39 “Com os estrangeiros primeiro”
- Início 5:13 “Quando fiz 14 anos” e continua em VIDEO 02 ATÉ 0:27 “Alugavam busão”

### **VIDEO 02**

- Início 0:56 “Tem um cabelereiro” até 1:30 “E a melodia”
- Início 2:19 “É muito difícil porque” até 3:27 “As coisas mudaram”
- Início 5:10 “O que eu acho de morar em uma cidade” até 5:35 “Se intimidar” e volta 5:47 “Você tem que fazer o que você quer” até 6:15 “Mais social que de cor”

### **VIDEO 03/ VIDEO 04/ VIDEO 05/ VIDEO 07/ VIDEO 08**

- Início 2:59 “Meu, eu acho que hoje o espaço” até 4:17 “Hoje não”
- Início 0:44 “Em relação a cultura até 3 MIN
- Início 3:05 “A importância do hip hop” até 6:17 “Nego olhava” continua em 0:08 “Eles não conseguiam dançar” e vai até 3:08 “Não dá para desconsiderar racionais mc”
- Início 3:27 “Foi esse o começo desse espaço que temos hoje” até 4:09 e continua em VIDEO 07 0:02 “Tem um álbum” até “Vocês merecem mais”
- Início 3:38 “Cara vou falar para você” até 6:24 “para dar coragem”

**APÊNDICE B – MODELO DO TERMO DE  
RESPONSABILIDADE**

## TERMO DE RESPONSABILIDADE

Campo Limpo Paulista, 02 de novembro de 2023

Eu Mayara Ferreira Martins, RG: 56. 173.593.1, declaro para os devidos fins, que todas as entrevistas captadas serão utilizadas com responsabilidade e respeito, conforme acertado com os entrevistados. A carta de sessão de direitos de entrevista deve ser assinada por todos os entrevistados, uma vez faz parte das exigências do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (UNIFACCAMP) para a realização do Projeto Experimental de Conclusão do Curso de Comunicação Social – Jornalismo. Este termo de compromisso é a garantia de que as entrevistas serão utilizadas apenas por mim.

Mayara Ferreira Martins RG: 56.173.593.1

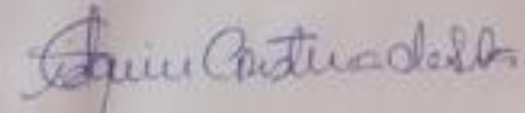
## **APÊNDICE C – CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS**

## CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Campo Limpo Paulista, 08 de 2023.

Eu, Gislaine Cristina da Silva  
portador da cédula de identidade 30755985-3 (SSP), declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 30 de Agosto de 2023, a(o) estudante Mayara Ferreira Martins, para ser usada integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto final que está sob a guarda de Mayara Ferreira Martins, estudante do último ano do curso de Jornalismo da Unifaccamp.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura: Gislaine C da Silva   
RG: 30755985-3

## CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Campo Limpo Paulista 30 de 08 de 2023.

Eu, *Fátima de Paula Tomazini*  
portador da cédula de identidade *20.389.506* (SSP- ), declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em *30 de Agosto* de 2023, a(o) estudante Mayara Ferreira Martins, para ser usada integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto final que está sob a guarda de Mayara Ferreira Martins, estudante do último ano do curso de Jornalismo da Unifaccamp.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura: *Fátima de Paula Tomazini*

RG: *20.389.506*

## CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Campo Limpo Paulista 02 de 09 de 2023.

Eu, Wellington da S/A  
portador da cédula de identidade 20005751 (SSP- ), declaro, para os devidos  
fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 02 de 09 de 2023, a(o)  
estudante Mayara Ferreira Martins, para ser usada integralmente ou em parte, sem restrições  
de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua  
audição e o uso do texto final que está sob a guarda de Mayara Ferreira Martins, estudante do  
último ano do curso de Jornalismo da Unifaccamp.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura: WARG: 20005751



## APÊNDICE D – MÍDIAS PRINCIPAIS VISUAIS DO WEBSITE



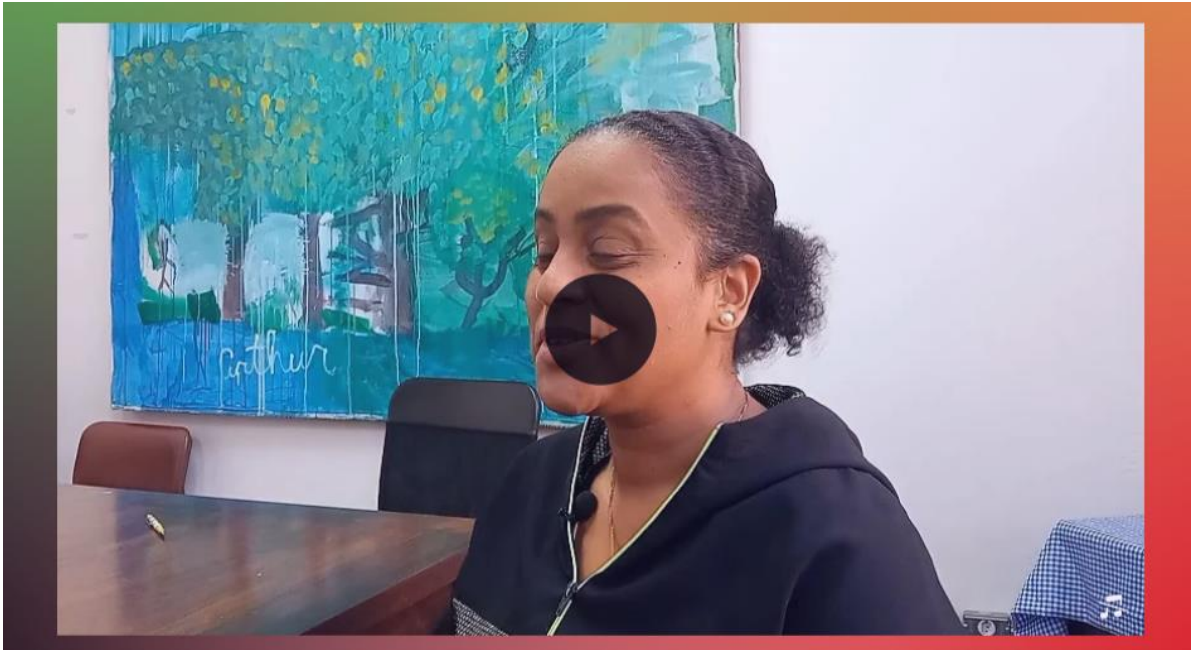
Vídeo apresentação encontrado na primeira página do site. Nele o leitor vai ter um resumo do que se trata o vídeo, a fala é trazida pela criadora do projeto que está com cabelo e roupas típicas da cultura afro.



Galeria de fotos com algumas das principais representações da cultura negra da cidade. Toda ao clicar tem uma explicação que conta de onde e o que ela representa.



Entrevista sobre a cultura dentro desses 30 anos no interior de São Paulo e o espaço que o negro alcançou nesse período contada por Wellington Silva.



Entrevista sobre o racismo na cidade, projeto público para comunidade negra e a expectativa para o futuro da cultura negra.

## **APÊNDICE E – WEBSITE EM PDF**

# VOZES NEGRAS

Aprendendo sobre o passado para entender o presente e  
ressignificar o futuro!

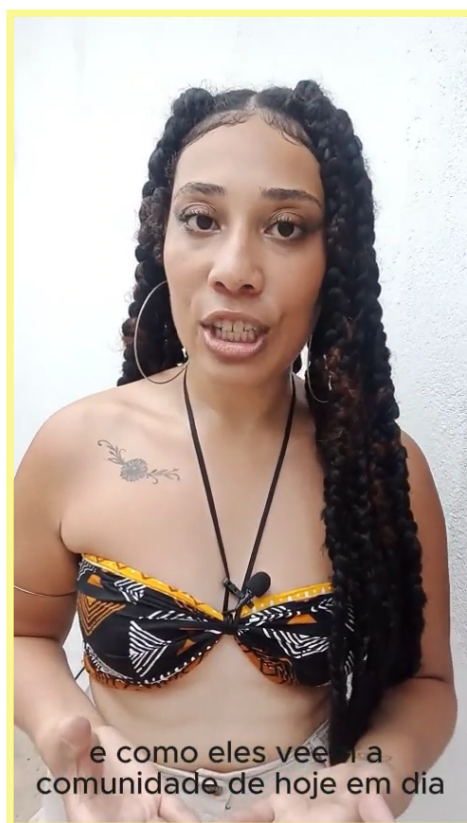
VOZES NEGRAS

MINHA VOZ, MEU EU

NOSSAS VOZES EM JUNDIAÍ

More

Clique no vídeo de apresentação abaixo para conhecer  
um pouco mais sobre nosso site.



## GALERIA NEGRA



Nossa Equipe





*Mayara Martins*

Fundadora e criadora do projeto Vozes Negras, para saber mais clique na foto.

Esse projeto tem como colaboradores Felipe Schadt, Anne Medina, coordenação de Leni Calderaro Pontinha com apoio do Centro Universitário Unifaccamp de Campo Limpo Paulista.

## MINHA VOZ, MEU EU



### Quem é Mayara Martins?

Nascida em Jundiaí e criada em Várzea Paulista Mayara Ferreira Martins, aos 19 anos decidiu começar a estudar jornalismo e foi aí que sua jornada na comunicação se iniciou oficialmente. Hoje com 22 anos ela está em seu último ano da faculdade, que cursa em Campo Limpo Paulista no centro universitário Unifaccamp e para finalizar decidiu falar de uma realidade que enfrentou durante muito tempo em sua vida.



Por volta do segundo semestre do terceiro ano de faculdade a questão do racismo e da negritude se tornou muito mais presente na vida da estudante de jornalismo, perguntas como "Você se considera negra?" " Você é muito clara para ser branca" ou "Onde estão as atividades para negros em Jundiá?", começaram a surgir em seu dia a dia. Falar sobre esse assunto quando ela própria era o alvo sempre foi difícil então ela iniciou com pequenas reportagens que refletiam em seu dia a dia até que um dia conversando em seu estágio com seus colegas ela percebeu que todas as reportagens realizadas eram voltadas para a cultura dos italianos ou portugueses da região.

Esse estalo ascendeu uma lâmpada que no início de 2023 se tornaria seu projeto final. Inicialmente a ideia era contar sobre os projetos voltados para os negros até que uma conversa com Mariana Janeiro uma mulher negra, de Jundiá e figura importante no meio político deu a ideia de abranger e fazer de sua pesquisa uma procura pela história dos negros em Jundiá, o que resultou em uma abrangência de informações e recaptura de lembranças do povo negro.

## Descobrimo sua negritude

Ao iniciar sua pesquisa, Mayara conheceu pessoas, histórias e vivências que compuseram este projeto e em toda essa caminhada ela se descobriu o que contribuiu para tornar a pesquisa mais sensível e trazer para o pessoal.

Quando se descobriu negra, a pesquisadora se viu dentro do próprio projeto e isso trouxe mais conteúdo e experiências para toda produção.

"Me descobrir negra veio das leituras, das conversas e de também de como a comunidade negra me via, e isso foi muito importante porque a intenção de todo o projeto é ajudar a encontrar essas pessoas que se descobriram negras a encontrarem sua comunidade" , diz a jornalista ao falar sobre a trajetória.



# Nossa Equipe



*Mayara Martins*

Fundadora e criadora do projeto Vozes Negras, para saber mais clique na foto.

Esse projeto tem como colaboradores Felipe Schadt, Anne Medina, coordenação de Leni Calderaro Pontinha com apoio do Centro Universitário Unifaccamp de Campo Limpo Paulista.

## NOSSAS VOZES DE JUNDIAÍ

### Nossas Vozes - ...

Valeria de Paula - servidora pública e parent...

[READ MORE >](#)

Gislaine Real é formada em jornalismo e também em teatro. A atual atriz da rota afro, projeto da prefeitura de Jundiaí, trabalhou por 16 anos como tatuadora até decidir que a arte era o que trazia vida para o seu dia a dia.

Ela foi a primeira atriz negra a ter certificação na cidade de Jundiaí e quando ofereceram uma oportunidade de fazer parte da rota afro, Gi Real fez questão de ajudar outras pessoas negras convidadas para o projeto a se formarem.

Ela foi escolhida pela sua força dentro do projeto, Gislaine representa a mulher negra dentro de um projeto voltado para contar sobre a história dos negros da região de Jundiaí. Nesta entrevista vamos ver como ela se sente sendo moradora da cidade, a importância de participar de um projeto para lembrar e conhecer a história dos negros.

Valeria de Paula faz parte da secretária de cultura da cidade de Jundiaí. Seu trabalho se concentra principalmente no espaço expressa, antiga mecânica dos trens de Jundiaí da ferrovia mais importante da cidade.

Além de estar presente no espaço público e político da cidade, Val também é diretamente ligada ao principal espaço de encontro da comunidade negra de Jundiaí, o centenário Clube social 28 de setembro. Seu pai, avô e tios ergueram o local e hoje embora não seja responsável pelo local participa ativamente das atividades que lá acontecem.

Ela foi escolhida para mostrar o trabalho da rede pública local para a contribuição da história dos negros e também por ser parente direta de criadores do principal local da comunidade em Jundiaí. Em sua entrevista vamos saber como ela vê seu trabalho dentro da prefeitura, como ela enxerga Jundiaí e também saber sobre o projeto rota afro, que conta a história dos negros e indígenas que fizeram parte de Jundiaí.

### Nossas Vozes - ...

Wellington Silva - Jornalista e munícipe de Jundi...

Wellington Silva é jornalista, editor chefe em uma redação, o único negro em todos os seus 25 anos que ocupa o cargo.

O jornalista além de ser comunicador, também vive pelo mundo da música, o rap é sempre foi seu companheiro que o levou até a criar seu grupo de rap quando jovem.

Em sua juventude a cultura negra começou a tomar força, as músicas, as danças e o espaço para o povo preto abriu as portas 30 anos atrás e ele viu isso acontecer de perto.



Wellington foi escolhido pois viveu e viu a cultura negra nascer e mudar, ele representa o negro que se descobriu e teve a chance de crescer. Em sua entrevista vamos conhecer como os negros se sentiam 30 anos atrás, como eram os locais em que iam e como tudo começou a mudar e como a negritude começou a ganhar espaço dentro e fora da periferia.

## Nossa Equipe



*Mayara Martins*

Fundadora e criadora do projeto Vozes Negras, para saber mais clique na foto.

Esse projeto tem como colaboradores Felipe Schadt, Anne Medina, coordenação de Leni Calderaro Pontinha com apoio do Centro Universitário Unifaccamp de Campo Limpo Paulista.

## Deixando de ser resistência para ser existência

Entrevista com Gislaine Real e Valeria de Paula sobre o racismo em Jundiaí, projetos sociais e públicos para o não esquecimento da história e da cultura negra na cidade e região.

A entrevista em conjunto tem 10 min e é separada pelo racismo dentro da cidade, o trabalho dentro do meio público e cultural, a importância e relevância da representatividade negra e de um ponto muito importante para a comunidade, finalizando com a expectativa para o futuro.



# Nossa Equipe



*Mayara Martins*

Fundadora e criadora do projeto Vozes Negras, para saber mais clique na foto.

Esse projeto tem como colaboradores Felipe Schadt, Anne Medina, coordenação de Leni Calderaro Pontinha com apoio do Centro Universitário Unifaccamp de Campo Limpo Paulista.

# VOZES NEGRAS

Aprendendo sobre o passado para entender o presente e ressignificar o futuro!

VOZES NEGRAS

MINHA VOZ, MEU EU

NOSSAS VOZES EM JUNDIAÍ

More

## O primeiro grupo de rap

Wellington Silva tem 45 vive em Jundiaí mas sua juventude caminhou por toda a região da cidade.

Nessa entrevista vamos conhecer um pouco de como era a realidade dos jovens de sua época, 30 anos depois e como a cultura negra foi importante para o espaço conquistado hoje



# Nossa Equipe



*Mayara Martins*

Fundadora e criadora do projeto Vozes Negras, para saber mais clique na foto.

Esse projeto tem como colaboradores Felipe Schadt, Anne Medina, coordenação de Leni Calderaro Pontinha com apoio do Centro Universitário Unifaccamp de Campo Limpo Paulista.

## POR ONDE PASSAMOS

Os negros e indígenas que passaram pela região de Jundiaí deixaram sua marca em vários locais da cidade, muitos deles nem imaginamos que carregue uma história de muita resistência e cultura. aqui vamos conhecer um pouco sobre esses locais e saber sua participação na história da cidade e da comunidade negra.

**CLUBE SOCIAL 28 DE SETEMBRO:** Este local, é um dos espaços mais antigos e importantes da região de Jundiaí e do estado de São Paulo. Neste ano de 2023 o clube completou 128 anos e cumpriu durante boa parte de sua existência a função de abrigo e refúgio para a comunidade negra da cidade de Jundiaí.

**ESPAÇO EXPRESSA:** O espaço expressa hoje é um dos locais históricos de Jundiaí, contendo um museu e um espaço de cultura que carrega contigo a história de muitos negro responsáveis pela manutenção de trens e construção da ferrovia que foi muito importante para o crescimento da cidade. Atualmente o museu ferroviário tem um espaço que conta parte dessa história e mostra muito dos instrumentos utilizados na época. Além disso o espaço se tornou o centro da cultura da cidade e o início de um dos projetos voltados para a cultura negra.

**ROTA AFRO:** Com início em 2022 a rota tem como objetivo contar a trajetória dos negros e indígenas em Jundiaí. Iniciada no espaço expressa ela conta com encenações e uma visita a locais específicos e importantes para essa comunidade.

**JARDIM AFRO:** A visita a este jardim mostra as plantas tradicionais africanas, trazidas e utilizadas pelos negros, muitas delas não era do nosso conhecimento serem de origem africana, isso inclui um instrumento feito de uma árvore africana encontrada nesse Jardim.

**IGREJA DO POVO:** Após a abolição da escravidão a comunidade negra que se converteu e até aquela que não tinham se convertido se encontravam na capela de São Benedito e na igreja de Santa Maria do Rosario esses dois locais passaram por um momento em que se achou que acabariam com a comunidade negra mas isso apenas uniu esses dois locais em um do lado do clube que também era importante para o povo.





# Nossa Equipe



*Mayara Martins*

Fundadora e criadora do projeto Vozes Negras, para saber mais clique na foto.

Esse projeto tem como colaboradores Felipe Schadt, Anne Medina, coordenação de Leni Calderaro Pontinha com apoio do Centro Universitário Unifaccamp de Campo Limpo Paulista.

## CLUBE SOCIAL 28 DE SETEMBRO



Sendo o clube de negros mais antigo do estado de São Paulo, o Clube social 28 de setembro, existe desde 1895 e possui sua sede desde 1940.

O nome veio da data da antiga lei para os negros (adultos e crianças) que existia antes da abolição da escravidão. Com o intuito de unir e lutar contra o racismo. O local com o passar dos anos se tornou um patrimônio imaterial da cidade.

Dando destaque para o samba - rock, capoeira e a cultura afro-brasileira.

O clube foi construído por homens negros que trabalhavam na ferrovia da cidade e viam a desigualdade social e preconceito aumentarem e se espalharem dentro da cidade. Se sentindo excluídos em seu próprio lar e procurando por um local onde poderiam ser acolhidos, eles decidiram erguer o que se tornaria o mais importante local da cidade para o povo negro.

28 de setembro deixou de ser uma data e se tornou um local e depois deixou de ser um local e se tornou uma comunidade, que apoiava e cuidava dos seus. Muitas cartas de alforria, cartas da liberdade para o povo escravo, foram compradas pela comunidade do clube 21

Além disso a educação básica era uma das atividades oferecidas nos locais, com exclusão até na educação muitos não sabiam ler e escrever e ali foram aprendendo.

A função social do clube não era apenas de ajudar os recém livres, ou ensinar a ler e a escrever mas realmente unir todos os que se sentiam excluídos da sociedade, incluindo pessoas brancas perifericas. Muitos amores nasceram ali e muitas famílias até hoje se mantém cuidando do que um dia foi só um terreno.

Hoje, no século XVII, ano de 2023 o clube ainda se mantém ali, firme, suas atividades continuam e os bailes tradicionais também, a representatividade do prédio é forte mas pouco conhecida pela geração atual, o que o colocou na rota do projeto público cultural que conta a história dos negros.



**Ficou curioso e quer saber onde encontrar esse local histórico?  
É só clicar no ícone abaixo**



# Nossa Equipe



*Mayara Martins*

Fundadora e criadora do projeto Vozes Negras, para saber mais clique na foto.

Esse projeto tem como colaboradores Felipe Schadt, Anne Medina, coordenação de Leni Calderaro Pontinha com apoio do Centro Universitário Unifaccamp de Campo Limpo Paulista.

## ESPAÇO EXPRESSA



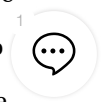
O espaço expressa, já foi conhecido como complexo Fepasa por estar próximo ao bairro do Fepasa em Jundiaí, já foi uma parada obrigatória para todos os trens com defeito que passavam pela ferrovia e hoje é um centro histórico, cultural, educacional e cívico.

Ganhou seu nome atual no ano de 2022, mas sua história começou em 1890 quando a Companhia Paulista de Estradas de Ferro trouxe toda sua estrutura férrea para a cidade, afim de aumentar seu espaço e evitar que a empresa fechasse por conta da febre amarela que estava em alta na cidade de Campinas onde a empresa iniciou seu trabalho.

O terreno expressa tem 111 mil metros quadrados, e desses, 46 mil são de área construída, compondo 34 prédios. Os anos se passaram e por volta de 1990 a empresa Fepasa faliu e a prefeitura em 2001 se apropriou do espaço e finalmente em 2017 a UGC (Unidade de gestão da cultura) ficou responsável pelo local e no ano de 2022 as mudanças começaram a ficar mais significativas e o espaço se tornou cultural, além de um patrimônio material da cidade e tombado em nível nacional.

A relação com o povo negro da cidade veio com a construção do local, toda mão de obra desde os primeiros tijolos até a manutenção das maquinas, venda de bilhetes e mais funções do local, foram feitas pelos negros da cidade. A mão de obra escrava estava proibida pela empresa que contratada para construção então foi contratada outra que terceirizou o trabalho e conseguiu manter a escravidão acontecendo dentro do espaço por muito tempo. Foi nesse momento que o movimento clube 28 tomou forma.

O Complexo Fepasa, como muitos ainda chamam faz parte da trajetória negra da cidade, pouco se é falado e mostrado no museu que conta a história do local, por esta razão a quantidade de pessoas que sabem como aquele lugar saiu da planta é pouca resultando em mais um tipo de apagamento da cultura negra da cidade.



Atualmente o espaço conta com, a faculdade Fatec, um estacionamento revitalizado, o Poupatempo do município, o museu ferroviário e o espaço expressa que contém toda a gestão cultural da cidade. Agora o expressa também promove feiras, festa, eventos educacionais, shows, rotas históricas turísticas e etc.

**Ficou curioso e quer saber onde encontrar esse local histórico?  
É só clicar no ícone abaixo**



## Nossa Equipe



*Mayara Martins*

Fundadora e criadora do projeto Vozes Negras, para saber mais clique na foto.

Esse projeto tem como colaboradores Felipe Schadt, Anne Medina, coordenação de Leni Calderaro Pontinha com apoio do Centro Universitário Unifaccamp de Campo Limpo Paulista.

# VOZES NEGRAS

Aprendendo sobre o passado para entender o presente e ressignificar o futuro!

VOZES NEGRAS

MINHA VOZ, MEU EU

NOSSAS VOZES EM JUNDIAÍ

More

## JARDIM AFRO



O jardim afro veio para compor a lembrança do que o povo africano trouxe de seus povos para Jundiaí. Sua ancestralidade e cultura eternizadas em árvores, plantas medicinais e em instrumentos, e outros utensílios.

O nome jardim afro é tão recente quanto quem vós fala, antes de sua nomenclatura ser reconhecida como tal, as pessoas nem sabiam que as plantas, flores e árvores no meio de tantas outras carregavam tanta história.

O objetivo desse jardim é manter sempre lembrada o que esse povo trouxe para a população. As histórias dos negros é muito além do trabalho que foram forçados a fazer e das lutas que tiveram que lutar, é também muita música, muita cor, alegria e sabedoria e nesse local é possível ver um pouco do que eles deixaram de herança para a geração futura.

Abaixo temos um vídeo de um instrumento tradicional da cultura afro, feito de árvores nativas africanas.





**Ficou curioso e quer saber onde encontrar esse local histórico? É só clicar no ícone abaixo**



## Nossa Equipe



*Mayara Martins*

Fundadora e criadora do projeto Vozes Negras, para saber mais clique na foto.

Esse projeto tem como colaboradores Felipe Schadt, Anne Medina, coordenação de Leni Calderaro Pontinha com apoio do Centro Universitário Unifaccamp de Campo Limpo Paulista.



# VOZES NEGRAS

Aprendendo sobre o passado para entender o presente e ressignificar o futuro!

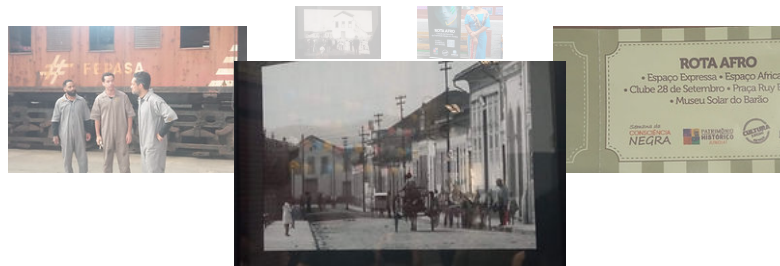
VOZES NEGRAS

MINHA VOZ, MEU EU

NOSSAS VOZES EM JUNDIAÍ

More

## ROTA AFRO



O projeto criado pela área de cultura da prefeitura de Jundiaí vem com o intuito de contar a história da cultura negra de Jundiaí. É um projeto educativo que está vinculada aos Departamentos de Cultura e de Patrimônio Histórico, que fica disponível tanto para a comunidade, quanto para os alunos da rede municipal. Iniciou como um projeto-piloto de Educação Patrimonial, em 2022, durante a programação do “Novembro Negro”.

Essa aula e momento de contar história é feita como uma visita monitorada, em grupo, indo em varios pontos marcantes da presença da população negra no Município, já citadas aqui no site, acompanhado de equipe mediadora e trajeto com ônibus. Durante a mediação, o grupo é recebido em cada um dos pontos por elenco próprio da Rota, que realiza as intervenções artísticas referentes ao tema do espaço visitado. A visita completa é dividida em dois momentos. No primeiro deles, a Rota percorre o Espaço Expressa (antigo Complexo Fepasa), o Espaço África do Jardim Botânico e o Clube 28 de Setembro. Já após a pausa para almoço, as visitas seguem por pontos da área central do Município.

Segundo a prefeitura além de agendas abertas à comunidade em geral, conta com uma série de atividades formativas, por segmentos, como forma de gerar multiplicadores do tema. Entre os principais envolvidos desde o lançamento estão os servidores da Cultura, artistas e integrantes dos Conselhos Municipais vinculados à Unidade; os educadores e alunos da Emeb Professor Carlos Foot Guimarães (Jardim Santa Gertrudes), da escola estadual Cecília Rolemberg Porto Guelli (Vila Rio Branco), do Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos (CMEJA) e da Fatec Jundiaí; além do Comitê das Crianças.

O passeio é 100% gratuito e o interessado pode entrar no site oficial da prefeitura de Jundiaí, procurar a aba de cultura e agendar no dia que preferir, são feitos em média 2 passeios por mes.



Ficou curioso e quer saber onde  
encontrar esse local histórico? É só  
clique no ícone abaixo



## Nossa Equipe

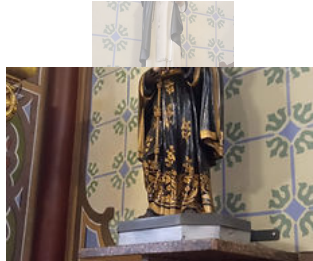


*Mayara Martins*

Fundadora e criadora do projeto Vozes Negras, para saber mais  
clique na foto.

Esse projeto tem como colaboradores Felipe Schadt, Anne Medina, coordenação de Leni Calderaro Pontinha com apoio do Centro Universitário Unifaccamp de Campo Limpo Paulista.

## IGREJA DO POVO



O povo negro foi retirado de sua terra, povo, cultura e religião. Sendo privados de suas ancestralidades as pessoas negras se viram com a necessidade de se prender em algo.

A capoeira, a comida como a feijoada e o estilo de cabelo trançado, hoje são o que lembramos como cultura desse povo, mas que foram maneiras de sobrevivência que acabaram se tornando parte dessa cultura que conhecemos hoje. Com a religião foi a mesma coisa, o povo pobre e escravizado viu acolhimento dentro da igreja católica, mais especificamente em dois santos, Nossa senhora do Rosário e São Benedito.

Na época em que os negros começaram a frequentar a igreja era conhecida como Igreja Nossa Senhora dos pretos, sua história milagrosa se assemelha com a de Nossa senhora Aparecida, onde a imagem da mesma é encontrada em um rio, a diferença é que a elite da época gostou de Nossa Senhora do Rosário e a colocou em sua igreja, porém a imagem sempre desaparecia e reaparecia próximo dos pretos. Isso fez com que aquela imagem se tornasse a santa dos negros e pobres junto com São Benedito.

Em Jundiaí existiram dois locais onde esse povo se reunia, a igreja de Nossa Senhora do Rosário e a capela de São Benedito, ambas foram demolidas em 1922, naquela época a desculpa foi que a cidade estava crescendo e por isso elas deveriam ser demolidas, contudo é muito fácil acreditar vendo o histórico de ruína cultural do povo negro, que esse feito foi mais uma vez uma maneira de impedir que a cultura deles crescesse e eles comessem a se tornar parte daquela sociedade.

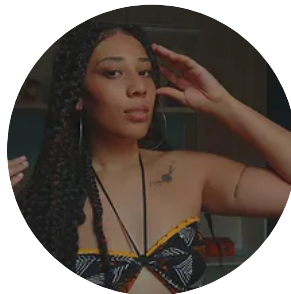
Onde hoje se encontra o Gabinete de Leitura e a Rua do Rosário, antes era o ponto a pequena igreja ficava. Eles reconstruíram ao lado do clube 28, denominada como igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, uma das mais bonitas igrejas da cidades que hoje pouco se é frequentada por negros mas que na época de sua reconstrução acolheu e reuniu esse povo.

Abaixo é possível ver um pouco de como a igreja é por dentro:

Ficou curioso e quer saber onde encontrar esse local histórico? É só clicar no ícone abaixo



## Nossa Equipe



*Mayara Martins*

Fundadora e criadora do projeto Vozes Negras, para saber mais clique na foto.

Esse projeto tem como colaboradores Felipe Schadt, Anne Medina, coordenação de Leni Calderaro Pontinha com apoio do Centro Universitário Unifaccamp de Campo Limpo Paulista.

## DO CALADO AO LOQUAZ

Depois de anos sendo silenciados e forçados a ressignificar toda uma vida, vamos conhecer um pouco do  
que foi a vida desse povo quando chegou ao Brasil e veio até Jundiaí.

Para aqueles que ainda não conhecem ou não se recordam, Jundiaí começou como um ponto de parada, como esse que fazemos quando as viagens são longas e duram muitas horas ou dias. Para resumir Jundiaí foi um Graal por um bom tempo.

Perto do fim do século XVII os passageiros começaram a se instalar na cidade, e ao início do século XVIII a mão de obra escrava se inicia, primeiramente pelos índios que ali já viviam e foram assim como em todo o país expulsos de suas casas e terras, mas uma curiosidade que não aprendemos na escola é que naquele momento em que varias outras cidades já existiam incluindo a capital do estado de São Paulo, os índios não poderiam ser mais escravizados. A igreja e a coroa portuguesa mantinham como lei que a mão de obra desse povo fosse recompensada, onde suas terras e um pagamento deveria ser fornecido. Os índios era denominados de administradores e seus registros deveriam ser feitos em documentos comandados pela igreja, além de seguir a regra de que caso algum fosse violento a escravidão poderia ocorrer.

Mesmo com regras regidas pela própria coroa, ainda se era possível ver o povo indígena sendo escravizado. No meio do século XVIII e início do século XIX a população de Jundiaí começou a crescer e a necessidade de mais mão de obra veio como consequência e é nesse momento em que nossa comunidade vem para o município, de maneira forçada e sem saber o que os esperavas aqui. A caminhada árdua e dura dos negros em Jundiaí iniciou pelo café e alavancou a agricultura na cidade, a fazenda Nossa Senhora era a referencia na produção e a que mais escravizou negros, tendo até hoje a senzala intacta e aberta para quem se interessar.

Os navios negreiros vieram em massa para as américas dando inicio ao massacre escravocrata mais longo que conhecemos ou achamos que conhecemos. O tráfico humano já ocorria em Portugal, a cidade já foi considerada a maior portadora de escravos, termos como mercado negro iniciaram por lá, em Lisboa e Lagos por exemplo, principais cidades com maior concentração de escravos, mercadorias de pessoas retintas (negros com a pele mais escura), de pele escura, ou simplesmente diferente dos países europeus. A história mostra que o irmão de Dom Pedro, Dom Henrique sequestrou e vendeu milhares de pessoas do continente africano e do oriente médio, a ilha de Lagos foi o local de troca de dinheiro por pessoas. Por muitos anos a maioria da população do mundo foi de escravos e hoje a população do Brasil é de miscigenados.



A mistura de raças em Jundiaí, São Paulo e no Brasil, se deu por inúmeros motivos, falta de homens negros e brancos, relações não consensuais e a de apagamento da cultura negra. No século XIX os registros feitos para separar a população negra da população branca já não começavam a fazer sentido, as características físicas já não eram mais perceptivas e esses registros foram chegando ao fim e uma nova definição de raça surgiu, a parda. O termo mulato (mulata) também foi muito usado e ainda é por algumas pessoas mas remete a uma relação não consensual, resultando em um filho bastardo na época da escravidão, depois desse momento a mistura ainda era vista como algo ruim mas diminuía a cultura negra e com o tempo foi sendo aceita e cada vez mais pessoas com pais de duas raças foram surgindo.

O problema dessa mistura não está nas relações mas em como os negros deixavam sua ancestralidade, cultura e nome para ressignificar sua vida dentro da sociedade em que foram obrigados a resistir.

Vozes Negras está aqui então mostrando um pedaço do que se foi encontrado, guardado, reservado e o que está sendo disseminado para as pessoas. Conhecer de onde vem e como foi a vida dessas pessoas é importante para que se continue lembrando e aumentando a ancestralidade de pessoas que lutaram para sobreviver.

Para conhecer mais e se reencontrar dentro dessa comunidade, volte algumas páginas e conheça um pouco da região de Jundiaí, a cidade turística italiana e portuguesa, escravocrata e hoje procurando sua ressignificação.

## Nossa Equipe

---



*Mayara Martins*

Fundadora e criadora do projeto Vozes Negras, para saber mais clique na foto.

Esse projeto tem como colaboradores Felipe Schadt, Anne Medina, coordenação de Leni Calderaro Pontinha com apoio do Centro Universitário Unifaccamp de Campo Limpo Paulista.